ornal das Moças

NO III NUM. 63 400 RS.

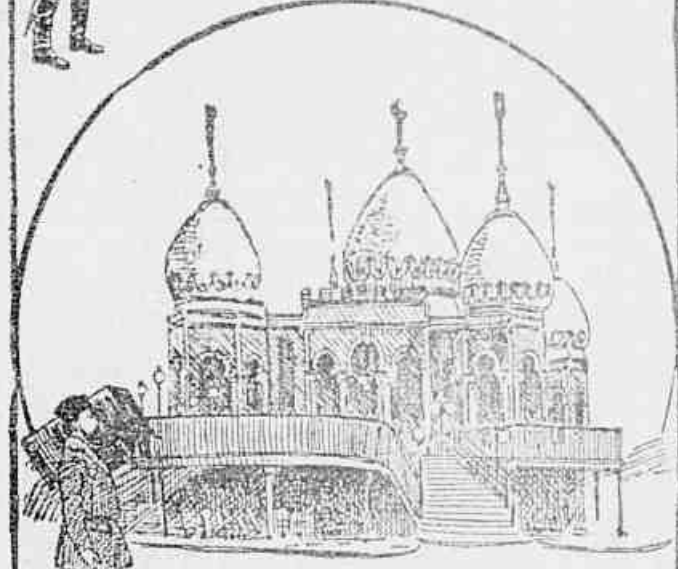
SENHORITA DALLILA MATHEUS NUNES — CAPITAL

DESCERRANDO EL VELO

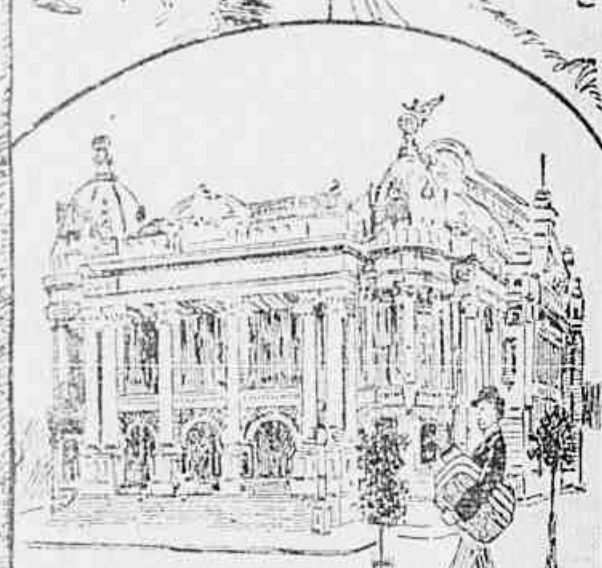
BRAZIL MAGAZINE

MINHA TERRA TEM... MARAVILHAS

O MERCADO DOS AMERICANOS

A ALEMANHA DA PROMISSÃO

A RESURREIÇÃO DA POLONIA

A NOVA ITALIA

A MINA DE OURO DOS INGLEZES

A OUTRA PARIS DOS FRANCEZES

EL DORADO DOS HESPANHOES

A OUTRA PATRIA DOS PORTUGUEZES

Emprégo de Capital

Escrever a Lawrence & C. para ter vantagens em compras, vendas ou garantias de predios, terrenos, fazendas, propriedades, apolices, acções, patentes de invenção, ou qualquer negocio.

Carreiras Profissionaes

Médico-Psychista, Médico-Electricista, Médico Massagista, Cirurgião-Dentista, Engenheiro Electricista, Engenheiro-Civil, Engenheiro-Mecanico, Engenheiro de Minas, Engenheiro-Geógrafo, Engenheiro-Architecto, Machinista, Conductor de Automoveis, Piloto, Advogado, Solicitador, Farmaceutico, Veterinario, Guarda-Livros, Tachigrafo, Fotógrafo, Constructor de Cazas ou Estradas, Fabricante de Tecidos, Fabricante de Vidros, Fabricante de Sabonetes e Perfumarias, Fabricante de Louças, Mestre-Ferreiro, Mestre-Alfaiate, Serralheiro, Marceneiro, Litógrafo, Gravador, etc. Os livros são em portuguez. Remete-se-os pelo correio para qualquer parte, sem necessidade de preparatorios nem de exames, e juntamente com o respectivo diploma do Instituto Norte ou Sul American[o] com a firma do Director legalizada; qualquer pessoa podendo portanto assim formar-se, pois basta-lhe para isto enviar *Sessenta mil réis* (não ha futuras despezas) em vale postal ou carta de valor registrado a

LAWRENCE & C

45-Rua da Assembléa-4[5]

RIO DE JANEIRO-BRAZIL

CAPITAL

Enviae mil réis de sêlos dentro de carta e recebereis um Magazine completo

Das anemias e seu tratamento

Extracto de um artigo publicado no jornal «A Noticia» do Rio de Janeiro, pelo conceituado clinico Dr. J. de Freitas.

Não é preciso se ter uma grande pratica da clinica, para que se possa fazer o diagnostico das anemias. Entretanto, o tratamento de tal doença reveste-se de difficuldades decorrentes de intervenções intempestivas causadas por um conhecimento insufficiente da composição do sangue.

E' preciso que se saiba quaes são as suas partes constituintes, assim como as modificações que ellas soffrem nas anemias, para que se possa bem escolher os medicamentos de que se tem de lançar mão.

O sangue é constituido pelo plasma, que se representa sob a forma de um liquido citrino, e no qual se encontram dissolvidos os saes; e pelos globulos, vermelhos e brancos, que nelle ficam em suspensão. Os globulos vermelhos, ao exame microscopico, se apresentam sob a forma de discos lenticulares e desempenham a funcção de vehicular o oxigenio do ar até a intimidade dos tecidos que formam os orgãos, e onde elle é utilisado.

Esse transporte de oxigeneo só se dá, porque taes globulos são carregados de uma substancia, a hemoglobina, que tem a propriedade de com elle se combinar de um modo instavel na superficie dos pulmões, e leval-o depois, quando arrastada com o globulo pela torrente circulatoria, até os elementos cellulares. Ahi a combinação se desfaz, o oxigenio é utilisado pelas cellulas, combinando-se então a hemoglobina dos globulos com o producto de desassimilação dessas mesmas cellulas, representado pelo gaz carbonico, producto que ella novamente transporta até a superficie pulmonar, onde o liberta, e novamente se carrega de oxigenio para continuar o desempenho de suas funcções.

Essa importante propriedade da hemoglobina provém da presença em sua composição, de determinados saes de ferro, o que é preciso ficar accentuado para que se possa bem orientar o tratamento das anemias.

Estas podem apparecer pela diminuição da quantidade de hemoglobina existente em cada globulo, como acontece em casos de alimentação defeituosa; ou pela diminuição do numero total de globulos do organismo, como occorre após as doenças infecciosas, nas crianças em via de crescimento, ou nas moças chloroticas. O resultado é que os diversos orgãos do corpo, não recebendo mais a quantidade de oxigeno de que necessitam, por não haver hemoglobina sufficiente para o transportar, nem podendo pela mesma razão desembaraçar-se do gaz carbonico que lhe é nocivo, desempenham mal as suas funcções, provocando as graves e conhecidas consequencias das anemias.

Ora, é evidente que para se remediar taes estados morbidos, torna-se necessario augmentar o numero de globulos do organismo quando delles houver diminuição, ou facilitar a sobrecarga de hemoglobina nos globulos, quando a sua cifra normal estiver abaixada. Em qualquer hypotese porém, é preciso fornecer ao corpo as substancias necessarias á formação dos globulos ou da hemoglobina, e essas substancias, já acima dissemos, são representadas sua maior parte pelos saes ferricos.

A grande difficuldade, é que a maior parte dos anemicos não supporta bem os compostos marciaes, convindo por isso recorrer a uma formula que permitta o uso de tal medicamento sem os incommodos gastro-intestinaes que sempre se observam.

Felizmente esta formula já hoje é conhecida, encontrando-se no mercado sob a denominação de Isis-Vitalin, preparado este que pelo gosto agradavel assim como pela sua incontestavel efficacia no tratamento das anemias, adquiriu rapidamente uma reputação que hoje ninguem mais contesta. E sobretudo entre as crianças e senhoras, que mais brilhantes tem sido os seus resultados, pela facilidade com que pode ser administrado devido ao seu gosto muito agradavel, e pela ausencia absoluta de acção nociva sobre o tubo gastro intestinal.

Recommendal-o portanto, é um dever de todo o medico consciencioso.

Rio de Janeiro, Agosto de 1916.

Assignado,

DR. F. DE FREITAS

UMA SYMPATHIA...

Carta aberta a Margarida, uma das flores mais mimosas do jardim do "Jornal das Moças."

Senhora minha:

Perdoae-me a ousadia; este meu gesto de exhibição outra cousa não revela senão uma profunda admiração pelos vossos dotes intellectuaes e de coração, sobejamente patenteados nos diversos trabalhos por vós aqui publicados, e que bem demonstram, n'um elevado grau, a vossa cultura e a grandeza de sentimentos de que sois possuidora.

Acompanhando com interesse e prazer todos os vossos escriptos, tenho notado, com bastante satisfação, que elles fogem ao commum dos originaes dos nossos «diletantti» da litteratura, que se sacrificam quasi sempre á uma mesma lenga-lenga onde o sentimentalismo piégas corre parelhas com a falta de structura, convertendo as inspirações, algumas vezes felizes, mas sempre rebuscadas em assumptos banaes e já repisados, n'um triste e desolador quadro de horrores, com os fantasmas tétricos das Desillusões a dançarem macabramente á volta do seu Amôr!

Admiro-vos e vos quero bem. Não vos conheço, é verdade, — e bem lamento semelhante cousa, — mas isso não impede a manifestação da minha admiração e estima.

O que vale é a sympathia... e desde que me tenho deliciado com o sabor agradavel da vossa prosa escripta, encerrando sempre bellissimos ensinamentos e demonstrando qualidades que só uma alma bem formada pode guardar, ella — essa sympathia — nasceu em meu sêr como uma homenagem prestada a quem nos tenha feito algum bem...

Sou um velho; na existencia não alimento mais as illusões que atapetam o caminho dos jovens sonhadores, facilitando-lhes a conquista das chiméras. Não sou, porém, um descrente desta cousa a que chamamos vida e que tão maltratada é pelos que n'ella encontram sómente motivos de revolta porque não são felizes... com os seus amores. E' que todos têm o seu tempo e eu já tive o meu, bem venturoso, aliás.

Hoje, no inverno da edade, coração fechado ás esperanças, que só sorriem aos que gozam a primavera da existencia, vivo apenas do tenue calor que me traz a lembrança desses dias felizes já transcorridos e nas dobras do manto da Saudade vou deixando encerrado o meu passado. Ah! não fosse eu um pobre e inutil velho!...

Venturoso, senhora minha, será o homem que vos tomar por esposa, — caso já não o sejes,..— pois as vossas qualidades de mulher extremosa e capaz de todos os sacrificios externam-se a cada passo, através dos bellos escriptos com que honraes esta revista e ao mesmo tempo o vosso sexo; tudo em vós é grande, desde os sentimentos aos exemplos expostos.

Continuae, pois, na nobre cruzada de escrever para o publico, principalmente para a mulher, pois nella muito terão a lucrar os que vos lerem e comprehenderem o valor dos vossos ensinamentos, que dignificam, enaltecem a natureza, a maior manifestação da grandeza do Omnipotente.

Recebei, pois, senhora minha, os meus cumprimentos e os meus incentivos; possam elles chegar até vossa pessoa como os melhores votos de uma perenne felicidade desejada a quem della tão digna é pelos formosos attributos que formam uma tão grande alma.

Como vós, naquellas linhas dedicadas a um desconhecido, tambem vos digo: «Não queiras romper o encantamento desta sympathia pela banalidade.,. Fiquemos nestas alturas!...»

Pingando o ponto final, alinhavo estas linhas contente e feliz: contente, por vêr, embora mal escriptas, serem ellas espontaneas e sinceras; feliz, porque uma sympathia sempre faz bem á alma...

Uma cousa, porém, me preoccupa; é haver gente que venha a rir-se de tão insignificante quão ingenua homenagem... Reitero, mais uma vez, senhora minha, os meus respeitosos cumprimentos.

Rio, 10 — 7 — 1916

SHERLOCK.

ANNO III ∞ RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1916 ∞ NUM. 63

JORNAL DAS MOÇAS

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS . { ANNO...... Rs. 18$000 / SEMESTRE . » 10$000 }

Redacção e Administração «AGENCIA COSMOS», Rua da Assembléa 63 — Telephone 5801 Central Caixa Postal 491

Não serão restituidos originaes enviados á Redacção

CHRONICA

TARDES magnificas! O lindo Céo vestido de azul pallido, como a phantasia dos sonhos alados deixa entrevêr uns reflexos rosados...

Contentes e saltitantes como as "pipirinhas" mesmo, vamos guarnecer quasi diariamente a nossa Urbs deslumbrante, onde mau grado nosso ficámos expostas ás pilherias extravagantes, e muitas vezes até offensivas, como diz «Gamine.» Estou com ella. Aprecio o "flirt", mas não supporto esse elemento corante e chula. Emfim... "Quod nullum est nullum producit effectune..."

Tudo para as nossas cabecinhas voltea como a bizarria sybillina das illusões que passam em visão doirada pelo occaso da Vida, gargalhando na solidão do espaço e cravando settas nos corações de marmore!...

E tolerámos, sopitadas na symphonia da Juventude, que vibra em harpejos evulsivos ás cordas da maledicencia alheia, e retumba no sussurro da critica indiscreta, ora harmonisando-nos na escala do Ridiculo, ora desterrando-nos como phantasmas sombrios nas geadas da Inconsciencia...

Paciencia...

Emquanto um terço dos viventes á seu talante assim espicaçam a cortezia, nós as "pipirinhas" sorrindo sempre, atufámos de alacridade o trajecto que percorremos, certas de que a Civilisação abandona os surtos das Almas insensiveis, deixando-nos á par d'isso — bias dessous, bias dessous — com a Superioridade acariciadora e edificante!...

Deliciamo-nos com os olhares repassados de ironia que ao nosso pezar se projectou em jorros como lympha oriunda da tempestade invernosa...

Quedámos em conjecturas á ver onde a insipiencia do microbio, mas, — Eureka! — Achámos! E' o — Seculo das Luzes!

Elle é o Seculo XX, que embora ainda adolescente, é um mimo de prodigioso em varios habitos novos que dão a nota "chic" na nossa cidade!...

Adquiriu o extranho condão de seus rebuços, reuniu adeptos do chefe á "viva voce" sem que nos seja possivel presenteal-o com um correctivosinho...

Que fazer? — "Consuetidinis magna vis est"!

Deixamol-os e seguimos... seguimos e repetimos...

Novo dia — nova apotheose!

SANTINHA — (H. F. SERPA).

Ama e espera

Alma que soffres pelas trevas densas
Do infortunio, das maguas, das desditas;
Alma que gemes tanto, alma que pensas
Num lindo amôr de glorias infinitas.

Recebe estoica todas as offensas,
Que o amôr que te consome e em que te [agitas,
Tem a força precisa p'ra que venças
Do odio vil as expressões maldictas...

Luta que vencerás. E quando um dia,
A dôr de agora fôr uma alegria,
Bemdirás o soffrer de vaes cheia...

Por isso alma sensivel, vae cantando!
Alma que soffres tanto, vae sonhando!
Ama e espera e canta e devaneia!...

BRUNO BRIARÉO

Conto de B. P. Nicanoff.

(Traduzido (do russo) pelo engenheiro brazileiro E. Pereira)

Barbarasinha

— Não. Logo legalmente.

O negociante interrompeu-a. — E' isto mesmo. Exactamente. Eu não estou longe disto, Marina Ivánovna. Apenas isto não depende só de minha vontade. Eu estou viuvo ha muito pouco tempo e não seria bonito... tornar a casar-me assim tão depressa!... Depois, eu conheço ainda tão pouco a senhora!...

— Bem. Assim eu tambem não intrego Varka, declarou Marina, percebendo que quanto menos receio ella revelasse, tanto mais facilmente poderia subjugar e vencer Ilia Gavrilovitch.

— Que desgraça! — suspirou Ilia Gavrilovitch e levantou-se.

— Então já vae? disse a costureira.

— Para que ficar mais? Eu sempre espero, não ha duvida, que a senhora venha a mudar de opinião, mas por hoje não tenho mais nada a fazer aqui.

Elle sahiu. Porém a amiga de Marina tinha razão: o negociante tornou a voltar para pedir Varka. Elle soffria tanto pela falta da filha, que não podia tirar do pensamento a ideia de recuperar ao menos a sua semelhança e leval-a para casa em lugar da fallecida.

E Marina sentiu logo toda a sua força perante elle, e assim declarou terminantemente que não entregaria a filha de fórma alguma, Salvo se tambem fosse com elle.

Ella percebeu que era questão de tenacidade e embora Ilia Gavrilovitch ainda uma vez recusasse, ella não cedeu e ficou á espera. Acertou. Tinham-se passado apenas dois dias depois da ultima visita, quando Ilia Gavrilovitch reappareceu trazendo doces, vinho, etc. Veiu com um sobretudo novo e um collete de côr. Estava muito perfumado.

— Olhe — vim por sua causa, disse elle, vim pedir a sua mão!

— E' possivel? exclamou cheia de alegria a costureira.

— A senhora venceu. Peço a sua mão...

IV

Ilia Gavrilovitch remetteu algum dinheiro a Marina Ivánovna e disse que ia passar uma semana fóra, perto de Podolski para tratar de negocios; que depois disso voltaria para encontral-a e tratar dos papeis do casamento.

Marina estava fóra de si de alegria.

Parecia-lhe ser já a mulher de um negociante de fortuna solida e negocios prosperos e já estar dirigindo em Podolski a loja de modas de — Madame Marina — Vestidos e Modas. A conhecida della, a costureira, tinha-lhe tanta inveja que por despeito tinha já tido com ella uma discussão acabando em inimizade. Cortaram as relações.

No aposento de Marina havia signaes de abundancia e felicidade. Ella agora todos os dias preparava pratos escolhidos, comprava leite e fructas. Tinha cozido para si propria uma capa nova, comprado uma blusa da moda, roupa branca, botinas.

Os visinhos, aos quaes ella communicava a occurrencia, commentando a felicidade de Marina, davam-lhe parabens e diziam-lhe que agora ella precisava querer muito bem á filha, tratal-a com muito carinho, porque toda a felicidade dependia de Varka.

Marina Ivánovna realmente se tinha modificado em relação á filha.

Ella mesma pensava que se a sua sorte tinha melhorado, era isto devido exclusivamente a Varka. Já não lhe dizia: Quando é que tu morres, desgraçada?!

Acariciava-a, cuidava della. No seu coração, inesperadamente, começava a nascer o amor materno.

Alguns dias depois da partida de Ilia Gavrilovitch, ella recebeu cem rubros e uma carta mandada por elle. Ilia Gavrilovitch dizia que os negocios ainda o demorariam uma semana ou pouco mais, que estava com muitas saudades de Varkinha

e que logo que pudesse partiria para Petrograd. Pedia desveladamente que tivesse muito cuidado com Varka para que não lhe succedesse algum desastre.

Marina Ivánovna dobrou os seus cuidados e a sua solicitude para com Varka. Nunca mais sahiu de casa sem leval-a comsigo, para evitar completamente os perigos da estadia no commodo onde moravam. A janella ficava fechada com toda a segurança. A porta igualmente. Isto era pouco. Tomou uma velha para aia de Varka e para fazer algum serviço de casa. Assim tinha mais quem olhasse pela filha. Chegou a este ponto: por mais bonito e mais quente que fosse o dia, Varka vestia roupa de abafar. Aquecia-se o quarto como um fôrno. Um dia — no 3º ou 4º dia depois da carta com as recommendações de Ilia Gavrilovitch — Marina, na occasião de deitar-se, viu Varka chorando e sem querer beber nada.

— O que é que tu tens, minha filhinha?

— A cabeça me dóe.

Varka estava quente e tinha calefrios.

Marina, desasocegada, foi á cosinha ferver umas flambaisas. A creada velha contou que a menina, de manhã, tinha se queixado: — na cabeça — um calor,

(Continúa)

CONTO

A' ROSA E O CRAVO

Anoitecia!...

Ao longe muito ao longe ouvia-se o toque melancolico dos sinos.

O céo, de um azul limpido annunciava o romper da lua que aos poucos ia illuminando a terra.

Como estava linda a noite!?

Ninguem se furtava o prazer de aprecial-a. Sendo eu assaltada por este desejo, dispuz-me apreciał-a juntamente com minha irmã. Qual não foi o nosso espanto quando ao atravessarmos um vasto jardim, ouvimos sussurros de vozes.

Paramos. Approximamos-nos e verificamos que a conversa era sustentada por um cravo e uma rosa, que da sua roseira ostentava-se garbosa, exalando neste recanto um aroma agradabillissimo e o cravo que rubro de alegria, permanecia no seu pé perto da ditosa Rosa.

Esta formosa noite commemorava a passagem do anniversario delle. Depois de receber innumeras felicitações e humildes recordações de seu conhecimento, chegou a vez da Rosa.

Esta tremula e ao mesmo tempo radiante felicitou-o almejando interminadas venturas, offertando-lhe um mimoso brinde tecido por algumas de suas petalas e inebriante pelo seu odôr.

Dizia ella: Cravo, meu Cravo, por amar-te tanto fiquei despida de muitas petalas afim de apresentar-te esta pequena lembrança.

O cravo recebeu a dadiva agradecendo-a com vehementes palavras de amôr e ternura.

Por fim resolveram dar uma volta pelo lindo jardim, sendo acompanhados pelas amiguinhas: Violeta, Succena e Magnolia.

Mas, como estava nervosa a pobre Rosa;

—Que ao minimo sopro da brisa estremecia

Notando o cravo tanta agitação indagou:

Querida Rosa, porque tremes, tens frio?

Mas, ella sempre assustada murmurou:

E' mamãe que pode chegar, e se não me encontra em casa o que será de mim?

E assim dizendo, caminhava com tanta pressa que o coitado do cravo não a podia seguir.

Vendo tanto medo, resolveu retirar-se para o seu canteiro sem fallar com ella, devida a enorme distancia que os separavam.

E, assim terminou esta commemorativa noite, deixando o cravo ferido e a Rosa despedaçada.

MYSTERIOSA

A Musica!

A musica é adoravel!

E' bella em todos os sentidos, é a elevação do pensamento, é a divina linguagem dos anjos!...

Ella transporta a minh'alma embalada por seus suavissimos sons a regiões mysteriosas do infinito!

A musica é empolgante, suavisa a tristeza e amenisa a dôr moral, será eternamente divina!...

Quem pode ouvil-a sem sentir, e o peito arfar em louca anciedade pelas saudosas recordações do passado?

Quem, sentindo-a vibrar, por mais descrente e sem consolação que esteja, não sente exaltar o sentimento, o coração pulsar com violencia e n'elle penetrar um raio de esperança?!...

Quem não a comprehende somente tem a intensa alegria ao ouvil-a, porque sente acariciado o ouvido; mas quem a comprehende sente a suavidade do seu sublime mysterio penetrar no recondito d'alma, na mais sensivel fibra do coração e este por sua vez despertar attrahido pela sua magnificencia e fallar bem alto como o meu falla do passado recordando-me de tudo n'um só momento!...

Volve uma por uma as paginas do livro de minh'alma pois ella tem o magico poder de infiltrar em meu ser a incomparavel e infinita doçura do seu som aclarando o passado, deixando gravada em meu pensamento uma imagem......

A musica é santa, é carinhosa, é incomparavel no seu affecto!!

Todos os seres vivos sentem a sua doce influencia!....

Quantas vezes no auge da agonia o fél borbulha-me nos labios, e ouvindo-a, um suspiro de alivio desprende-se e elles entreabrem-se n'um sorriso de satisfação!

Quantas vezes tenho no rosto a viva expressão de felicidade e n'alma o "Mal Secreto", um triste pensamento escalda-me o cerebro e tenho por unico refugio a musica.

Oh! quantas!....

A musica é sublime, fascina e arrebata a alma!!!

CELINA TAVARES

Conto

ALEXINA E MARIO

II

(Conclusão)

Era noite! A pallida lua derramava seus argenteos raios sobre o jardim illuminando o, a brisa perpassando fagueira balançava a tenue folhagem de delicados arbustos e sob poético e bellissimo caramanchão, sentados na relva Alexina e Mario fallavam de Amor!

Quadro encantador! Não haverá por certo pincel que possa dezenhar vivamente o esplendor d'esse quadro mysto de belleza e encanto!...

De repente, porém, as faces de Alexina tisnaram-se de um rubor immenso e seus castanhos e vivos olhos, baixaram como que impellidos por uma força qualquer!... Mario pedira-lhe um beijo... Não julgueis porém que Alexina perturbou-se por tão simples pedido, não, ella tambem amava a Mario com todas as forças de seu coração de donzella e tinha tambem immenso desejo de oscular a face de seu feliz enamorado; timida, envermelheceu, porque travou luta bastante forte entre os impulsos de seu coração e a timidez que lhe ia n'alma.

Mario, porém, não se fez esperar, eil-o aos pés de sua encantadora, supplicando, rogando a esmola de um beijo...

Alexina, dotada de ternura e bondade, em um momento de allucinação, n'um beijo ardente e prolongado cahiu morta nos braços de Mario. "A pallida lua derramando seus argenteos raios illuminava o jardim e a briza fagueira perpassava balançando a tenue folhagem dos delicados arbustos."

DE SOUZA MARTINS

Rio, 16—8—916.

::::::::

«Meu Retrato»

A' SENHORITA LAURA A. SANTOS

Muito singella e pallida; conheço
Ser bem singella esta lembrança, embora
Não vos alegre o coração senhora
Não me condemne. Que amor travesso.

Me fez um escravo do ideal confesso,
Se o escravo humilde o coração penhora,
Eu penhorado, esta lembrança agora,
De fundo d'alma, juro, lhe offereço.

Ah! não repare, a pallidez é tanta...
Neste soneto que minh'alma canta
Meu coração junto ao retrato envio,

Ah! guarda bem esta lembrança eu peço,
No fundo d'alma. Não. Eu não mereço,
Sou hoje um pobre e resequido lyrio.

23—8—916.

ALMA RARA

Perfis de normalistas

VI

Mlle. J. P., a nossa «perfilada» de hoje, não é joven, pois anda quasi beirando a casa dos 30.. Conserva, porém, um frescor primaveril, e como quer esconder a edade, lança mão de artificios que possam fazel-a passar por mocinha. Assim succedendo, usa cabellos aparados á ingleza e os vestidos exaggeradamente curtos.

Alta, mais gorda do que magra, nariz aquilino, porém forte, bocca regular, labios grossos e acarminados, bôa dentadura, pescoço alto, olhos escuros, vivos e brejeiros, rosto arredondado, Mlle. não é bonita mas possue um «tic» que a torna sympathica, fazendo-a muito admirada e querida fóra da escola.

E' muito intelligente e no 3°.anno occupa um logar saliente, porém o seu espirito de contradicção faz com que ella perca alguma cousa dessa saliencia, que poderia ser de outro modo interpretada se não fosse a mania de querer fazer prevalecer á força os seus seus conhecimentos, chegando até a discutir materias escolares com os proprios mestres.

Livre-pensadora, encara a vida sob um prisma differente do commum e diz a quem quizer ouvir que para ella não existe o protocollo das convenções... Talvez seja por isso que não esconda saber dançar o tango com uma pericia de profissional.

Geniosa e altiva, poucas sympathias gosa entre as collegas, que ja fartas de seu «aplombe», chamam-n'a de Mlle. Napoleão, o que é uma grande injustiça...

Falla correctamente o francez, mas não é franceza, e sim muito boa brazileira, tendo só da França o nome de familia.

—Mlle. J.P.vae certamente ficar muito zangada commigo por causa da publicação de seu perfil. Ha de ficar zangada e jurar vingança, pois bem conheço o seu temperamento. Mas o que hei de eu fazer ?

Cumpro a minha obrigação, e como fiz o proposito de levar ávante estes perfis, nelles deixando estampadas as linhas physicas e moraes dos nomes que me cahirem as mãos, não pósso recuar do caminho já percorrido nem tão pouco deixar de dizer as verdades sobre o «modelo»—procurando sómente proferil-as de um modo que não venha constituir offensa.

Delicado por indole, sou incapaz de offender a quem quer que seja...Portanto se Mlle. porventura encontrar alguma phrase aspera, que julgue offensa, tem direito ás minhas desculpas, pois não foi meu fito offendel-a nem menosprezal-a.

Sei que é geniosa, mas de mau genio nós todos temos uma pequena dóse, e como o meu desejo é que ao ler estas linhas Mlle. não se desespere, dou-lhe um remedio, á guiza de consolo : pense que muita gente bôa póde ter um «perfil» peór do que o seu. Não se zangue, pois, Gosto mais de vêl-a alegre e galhofeira, do que sombria e «neurasthenica».

Sherlock

May Flower!

Tu nasceste no mez, nesse mez dos amôres,
Entre risos e flôres,
Nesse mez que eu nasci !
Para mim tu trouxeste uma nova centelha,
E qual rosa vermelha,
Nesse mez tão bemdito, ao meu lado eu te vi !

Mez tão cheio de encanto e de
[hosannas tão cheio !
Mez de Maio que veio
A' minh'alma cantar...
Qual a mãe de Jesus n'um altar,
[eregida,
No meu peito, querida,
Tú, tambem encontraste erigi-
[do um altar !

Mais volta espargindo o seu mago esplendor
E tambem teu amôr
Vem risonha cantando...
A tu'alma se abrindo é qual flôr em botão
Que inda sente a illusão
Das caricias e Eólo, o seu calix beijando !

Tens de Flora o sublime e
[amoravel segredo,
Mas, te juro sem medo
Não provendo queixume.
Que são tuas irmãs as violetas
[mimosas,
As cravinas e as rosas,
E não têm como tu, tanta gra-
[ça e perfume !

E' por isso que, Amôr, hei de sempre cha-
[mar-te,
Glorificando essa Arte
Em que ás vezes desmaio,
—A princeza gracil, romanesca e amorosa,
Odorifera rosa,
Que nasceu no meu mez, sendo assim :
[—Flôr de Maio !

Maio, de 1916.

Nestor Guedes

Lola conhecia Melillo

Ha muito que eram um para o outro, não mais que dois indifferentes.

Os ricos salões regorgitavam e os sons da orchestra confundiam-se com o tinir das taças de champagne.

Volteavam os pares na languidez de uma valsa dolente, quando o orgulhoso Melillo destinguiu Lola, triste e pensativa, encostada ao vão de uma janella.

Uma nuvem perpassou-lhe pela fronte, mas breve o orgulho ergueu-se indomavel em seu coração.

Cobriu-se de uma gelida altivez e encaminhando-se para Lola, pediu-lhe a presente valsa. Um fino sorriso afflorou-lhe aos labios e recusando a valsa, delicadamente acceitou no emtanto o braço que se lhe offerecia e ambos na sua radiante juventude, atravessaram os deslumbrantes salões e foram encostar-se no terraço que se achava então immerso em completa escuridão.

Fazia uma noite esplendida e a lua qual magica rainha, desvencilhou-se das nuvens que a envolviam e saudou os recemchegados enviando-lhes seus magnificos raios.

Ao contacto da leve brisa nocturna, desfolhavam-se aos poucos as ultimas flores do jardim, cujo perfume aspiravam com voluptuosidade.

Os doces effluvios desta serena noite infiltraram-se suavemente no coração do joven Melillo applacando-lhe a fria e rispida altivez e seus olhos tomaram novamente uma expressão de um carinho indefinivel.

Curvou-se para a sua encantadora companheira que quedara pensativa immersa em profundo scismar, e, após um momento de ardente e muda contemplação, fallou-lhe como que num sussurro.

—Lola, que tens esta noite que te vejo tão triste e pensativa ? Poderei saber porque ?

—Vês, Melillo, respondeu-lhe Lola, sem o olhar, aquella estrella tão solitaria e só ? Emquanto suas companheiras se reunem em alegres bandos, ella conserva-se afastada, humilde e pensativa, sem encontrar um lenitivo á sua dôr, isto é, um coração que a comprehenda.

Nas mesmas condições encontro-me.

—Revele-me este segredo que te opprime. Achas que está no meu alcance, curar-te tamanha dôr.

—Talvez, nada é impossivel na vida.

—Diga-me que devo fazer.

—Sabe-o melhor que eu.

—Como poderei eu o saber se ainda nada me disseste ?

—E crês meu amigo, que eu assim procedendo, conseguirei algo á meu favor ?

—Talvez... tu mesma disseste Lola, que nada é impossivel na vida.

—Bem, então ouça : afigura-se-te que tenho uma intima amiguinha e esta abriu-me francamente o coração.

Amava um joven nobre, rico e bello, mas o seu orgulho não permittia-lhe demonstrar-lhe seu amor, visto elle conservar-se frio e indifferente.— Que achas Lola, que devo fazer ? — perguntou-me ella um dia.

—O unico remedio que tens, respondi-lhe, é sacrificares teu orgulho e lhe demonstrares o teu amor.—E ella jurou obedecer-me. Achas Melillo, que lhe aconselhei mal ?

O joven conservou-se por um momento com a cabeça pendida sobre o peito.

Após, atirando-se aos pés da sua meiga companheira, tomou-lhe as delicadas mãos e beijou-as com ardor.

—Lola, amo-te ! Perdôa-me !

—E eu Melillo, adoro-te ! Ha muito que te tenho perdoado !

Os ultimos sons da orchestra, iam aos poucos se extinguindo, quando no terraço percebiam-se os vultos de Lola e Melillo, nas mais eternas juras de amor.

LILIA CORAL

CARTAS DE AMOR

O PIERROT

A' ODETTE

«Remember Carnival!»

—Vêdes aquelle Pierrot negro encostado áquella columnata?

—Alli?... Sim... Vejo...

—E' esquesito. Ha dois annos que o encontro, durante as noites de carnaval, encostado aquella columna, sempre no mesmo logar, sempre tristonho, sempre a fitar-vos. Este anto já é a segunda vez que o vejo... Estranha coincidencia!...

Na noite seguinte, terça feira, as duas moças o tornaram a ver no mesmo lugar da vespera, na mesma posição da noite antecedente... E nos seus olhos, atravéz da meia mascara de setim preto o mesmo olhar meigo e triste e nos seus labios a sombra do mesmo sorriso indefinivel de resignado. Então, tudo o que ha de curiosidade no coração da mulher, despertou, de subito, ante o mysterio d'aquelle Pierrot de maneiras brandas e impelliu as duas moças para a consummação de um desejo ou capricho subitamente despertados.

Em torno, tudo se expandia em gritos, em luzes, em côres em todas estas multimanifestações de vida bôa e feliz.

Passavam em atropello, aos empurrões, mascaras de todos os tempos com trajes de todas as epocas, graciosos uns, grotescos outros, todos, porém, descuidosos e alegres em meio da álacridade buliçosa, quente e perfumada do ambiente. Um grupo parava sob o alpendre enguirlaudado. Eram musicos; violinos e flautas. Em pouco, no ar morno, violinos soluçavam...

—Não vamos, Lola... E' melhor não irmos...

—Que é que tem, Odette?... Agora vamos...

E foram. Approximaram-se do Pierrot, e a dois passos d'elle, pararam confusas, timidas, coradas... Mas logo, Lola mais irrequieta e travessa.

—Estás triste, Pierrot? Que é feito da tua Colombina?

Pierrot suspirou e sorriu. Dêpois fallou. Fallou durante muito tempo com voz doce, sentida, voz de namorado que conta uma amargura supportada... Os seus labios muito vermelhos, tremiam ligeiramente n'uma palpitação leve de beijos, emquanto as palavras muito carinhosas e muito brandas iam sahindo uma após outra vibrando aos ouvidos da moça enlevada como o vibro suavissimo de mil campainhas de crystal.

Quando Pierrot terminou a sua historia, que era a historia triste do seu amor e da trahição de Colombina perjura, Odette, a quem mais intrigava o incognito do desconhecido, supplicou sorrindo:

—Levanta a mascara, Pierrot.

—Para que, Colombina?

Parahyba do Norte—Senhorita Maria Augusta da Silva—Normalista

—Quero ver teu rosto.

—Já o viste tantas vezes, Odette...

—Odette?... Conhece-me então?...

—Tenho-a aqui... E a mão enluvada pousou sobre o coração. A moça corou. Pierrot deixou de sorrir. Parecia soffrer.

—Não me reconhece, Odette? Não te recordas mais d'aquellas noites brancas de amor e de luar, de sonhos e de estrellas, passadas na permuta simples das nossas aspirações e dos nossos ideiaes, de todas aquellas pequeninas cousas que nós diziamos e que só o poeta ama, porque deixam no fundo da alma uma recordação que não morre, uma lembrança que se não apaga, uma sombra que se não esvae?...

Pierrot fez uma pausa. Tossiu seccamente comprimindo um lenço á bocca...

—Cyro!...

Odette o reconhecia; reconhecia naquelle moço de gestos lentos e que lhe fallava com tanta brandura. Cyro, o seu antigo namorado a quem ella trahira com a sua volubilidade.

—Não seria melhor, Odette, que me dissesse toda a verdade? Não me amava mais; era natural... Forçoso era o resignar-me... Mas fui muito feliz, muito... Os melhores momentos dos meus vinte annos, passei a teu lado, aspirando a branda essencia da tua blusazinha preta, na caricia

M.me PORTO

simples das nossas mãos que se buscavam.. Lembra-te ?... Como o tempo passa ?... Só as horas do abandono custam a passar.. Mas hão de passar... passarão tambem...

Elle fez outra pausa. Suspendeu um pouco a mascara para refrescar o rosto e as duas moças puderam ver o seu rosto magro, pallido, devastado.

—Como estás, Cyro !

—Não é nada, disse com um sorriso bom... Mas é verdade que já me havia esquecido ? Pois eu nunca pude te esquecer, nunca. Dizem que as recordações morrem... E' engano; não morrem nunca. São velhas folhas que cahem e que seccam no mesmo lugar, sem que o vento as leve... Mas já é tarde; eu me vou embora. Vejo que és feliz... Para o anno talvez que me não vejam...

Calou-se. Afivelou a mascara ao rosto, e só então voltou a sorrir com o mesmo sorriso, um pouco mais triste.

—Adeus !

E foi tudo. Um grupo de mascaras passando, produzira um recuo brusco da multidão. Houve um instante de aperto, de empurrões, de gritos e de chocalhar de guizos... Depois o cordão passou... Mas Pierrot tinha desapparecido.

. . . .

Pobre Pierrot.

Tres mezes depois elle fallecia.

SYLVIO

— —

PEDAÇO D'ALMA

A' AIDA RODRIGUES

O dia finda-se. A estrella vespertina já tremeluzindo nas ceruleas plagas do ignoto, avisa a approximação do momento em que uma alma sensivel se estertoce nos paroximos da saudade, n'esse sentimento que se esteriorisa n'uma tristesa sonhadora, mixto de alegria e dôres !...

E' nesta hora que sinto todo o horror, todo o tetrico que existe em nossa separação...

Podesse o mar dizer porque geme, o vento porque zune raivoso, o sol porque se eclypisa, a lua a origem de sua poetica tristesa, os astros que gravitam na amplidão o motivo de suas scintillações harmonicas e eu descrever-te-ia o que me vae n'alma quando evoco tua imagem !...

Phantasias vãs, absurdas concepções enleiam-me na clemencia do irreal, arrastando-me para a senda de uma vida ficticia, para não comprehender esse cháos que é a distancia que nos separa !...

Tua esbelta silhuéta de Madona, vejo-a sempre; tua voz innebriante e dolente, ainda sicia em meus ouvidos como se fôra a de um Archanjo celestial, como se fôra o trinar de um rouchinol n'uma manhã primaveril...

Quantas lembranças me vêm a mente á hora crepuscular; quantas saudades assaltam-me ao fitar no horizonte os raios luminosos do poente doirando a vastidão dos paramos sideraes !...

Rio—Agosto de 916.

OIRAM

— —

O QUE SENTI EM S. PAULO

A' SENHORITA MARIA FORTES

Eu já estivera em S. Paulo, mas a pouca edade que então contava, me não permittia apreciar devidamente a hoje capital da terra dos «bandeirantes». De modo que, em cumprimento de uma obrigação, quando fui conhecedor de que era necessaria a minha ida, ha alguns dias, á metropole estadoal visinha, senti uma nervosidade extranha.

Senhorita Sylvia Campos Mello

...m mixto de alegria e de desolação, senti ...ue era o pomo de discordia de uma peleja ...cessante entre uma satisfação diaphana e ...ma saudade acabrunhadora...

Sentia que precisava respirar a belleza ...o meu querido Rio.

Fui com o coração em metade, porque a ...utra, deixei-a eu aqui, nas mãos tuas, Ma...a, que és a unica creatura digna de mim.

Hoje, contente em meu ninho, contente a ...eu lado, só tenho um meio de t'o dizer: ...screvendo as linhas amorosas que firmo ...ob o nome de

FLOMUAL

COÚSAS TRISTES

Para Mlle. Yára de Almeida

Leitor assiduo do «Jornal das Moças», despertou-me a attenção os bellos sonetos e mimosos contos por vós assignados.

E' facil adivinhar-se no vosso seio, um coração joven e já desilludido, repleto de amarguras trazidas pelo abandono d'aquelle que vos jurou um amor eterno.

Tudo no mundo é assim, minha senhora. Podeis crêr no entanto que os tormentos que hoje sentis em vosso coração, não valem as maiores alegrias, os mais phantasticos sonhos de felicidade.

Rever um passado que nos foi caro, relembrar com profunda saudade instantes que nos fizeram julgar existir um Paraiso na terra, recordar passeios ao luar, enlaçados suavemente nos braços do ente a quem muito amamos, julgando-nos correspondidos com o mesmo intenso amor, deparar-se a cada curva de caminho um lugar onde uma jura eterna tivesse sido proferida, tudo emfim que nos recorda o ente por quem soffremos de saudade, por quem vertemos tantas lagrimas, trazendo uma alegria amarga, um mixto de riso e chôro, de raiva e alegria, de desillusão e esperanças...!

Inspira-me sympathia o vosso soffrimento, soffro comvosco e quizera poder consolar-vos provando-vos que o Amor não é mais do que uma chimera; mas... como fazel-o si o meu coração é o primeiro a desmentir o que eu vos quizéra affirmar?

Soffrer de amor...

Viver do passado...

HEITOR DE ANDRADE

Senhorita Maria da Conceição Lage—Juiz de Fóra

Mme. ALBERTINA DEL VALLE

Para o ALBANO MARQUES.

Lembras-te? O crepusculo descia lentamente, os largos horizontes pareciam duas linguas de fogo, as arvores oscillavam suavemente, arrebatando as folhas seccas... tudo era triste, triste como essa tristeza perpassada de lyrismo que Leconte de Lisle e Sully Prudomme exprimem nos seus versos.

Não te lembras mais desse quadro poetico e tedioso que nos nossos olhos a natureza apresentava?

Tu esqueceste tudo porque tudo te é indifferente. As vibrações do amor, em ti, congelam-se, porque és um espirito insensivel e tens um coração feito de amiantho. Justamente por isso é que foste ingrato, a ingratidão é a arma dos espiritos insensiveis.

O teu amor é como o Sol do Inverno, dá muita luz mas não aquece nada...

Adeus.

Rio—1916.

HELENA.

PAGINAS INFANTIS

José e Sylvia Decusaté, filhos do sr. Antonio Decusaté
Juiz de Fóra

SEPARADOS PELA GÚERRA

Andavam os dois sempre juntos e, a qualquer passeio, um levava o outro.

Queriam-se muito as duas creaturas.

Guilherme, um joven robusto, austriaco, e Jacomo, um forte rapaz italiano. Os companheiros dos jovens amigos admiravam aquella sincera amizade que existia entre ambos.

Entretanto, um dia, um facto muito serio veiu como destruir a felicidade dos dois amigos, separando-os subitamente.

A guerra, a maldicta guerra que nesse instante ensanguenta ainda a velha Europa, soou e elles, Jacomo e Guilherme, foram chamados as suas patrias para cumprirem o sagrado dever de defendel-as.

Abraçados os dois amigos, tristes, choraram nos momentos de despedida ; soffreram muito com a brusca separação.

Passaram-se tempos e, já no campo de batalha, como soldados, Guilherme e Jacomo combatiam.

Nos curtos momentos de descanço que tinham, o horror da guerra, por minutos, lhes era olvidado, ambos pensavam, recordando cada qual o longo tempo que gosaram juntos, naquellas noites de luar que tanto adoravam no Rio...

Mas, de subito, as suas idéas voltavam para a guerra e, outros que se tornavam, pegavam das armas e entravam na sangrenta luta.

. . . .

Os dois exercitos se approximavam.

Chegára o final momento de, frente a frente, os inimigos se encontrarem. Mais algum tempo era passado e, como féras, num horroroso ataque a bayonetas, aquelles homens avançaram uns para os outros, tudo esquecendo naquelle momento, para matarem e morrerem.

Em breve, era tremendo o combate. De instante a instante, tombavam soldados de um e d'outro lado.

O espectaculo era horroroso. Subito, dois guerreiros encontraram-se e, na ancia de matar, empunharam as armas e, no momento de se ferirem, por um olhar trocado rapidamente, reconheceram-se. Eram Jacomo e Guilherme.

—Tu Jacomo, meu inimigo ?!

—E' a patria que aqui me traz, meu pobre amigo...

— Desgraça, desgraça, respondeu com amargura, o primeiro.

Mas, de repente, como que advertidos pela guerra, cuja imagem pareciam ver, os dois guerreiros, empunhando novamente as armas, atiraram-se com furia, um ao outro, Fôra rapida a luta. Mortalmente ferido tombara, primeiro, Jacomo, e em seguida Guilherme, atacado por traz por um inimigo.

. . . .

Cessara o combate.

Entre os muitos cadaveres que haviam no campo tetrico da morte, dois, entrelaçados, alli se achavam, como que alcançados, assim,

Joãosinho, filho do sr. João de Freitas e Souza

por um só golpe. Eram os dois amigos de outr'ora, as infelizes victimas da Guerra.

ALICE MARIA PEREIRA

Rio, 14—8—916.

*
* *

MARCHA

(De uns papeis velhos)

Ao enterrar meu ultimo sonho murcho, quiz compor uma aria dolente os «misereres», no doloroso tom da cantilena que ouvira em criança, muitas vezes, ciciada na capellita aldeã, junto ao feretro de algum camponio que ia repousar alem, entre flores silvestres e hervas crescidas.

Devia ser uma funda melopéa embebida funerariamente de abafados sons, notas de agonias mortuarias, gemidos longos rolando como sonoras magoas de orgam no silencio de mosteiro medieval. Contos que lembrassem preces balbuciantes em labios de moribundo e supplicas de condemnados no humilde ambiente dos carceres.

Sombrias modulações e rythmos sombrios como o estoirar de vagas em rochedos lascados, por noites de tempestade; arrepios de escalas imitando o lugubre grasnar de corvos, em charnecas acoitadas de frios hybernaes...

E, como apertasse entre as mãos o violino, ouvia piedoso soar dentro do peito.

*
* *

Meu coração, ferido em cheio pela desventura, entoava a marcha funebre de seu derradeiro sonho, para sempre morto e para sempre desfeito, na tristissima urna da desillusão...

VIANNA DE CARVALHO

Antrée, filhinha do dr. Adolpho Santos Silva-Belmonte-Bahia

Ignez Bomfim Godinho--Belmonte- Bahia

*
* *

PASSEIO MATINAL

Flores aromatizadas ornavam um e outro lado do caminho. As aves harmonizavam o canto!

Corria perto, um ribeiro com doce murmurio, que descia amarrotando o agreste derreado pelo sôpro da briza!

Os timidos passarinhos, a beira da corrente, banhavam-se com alegria, voando alguns, saltavam nos verdes ramos e cantavam!

Viam-se mais distante, os verdes canaviaes, que serenamente soltavam aos ventos os seus lindos pendões!

Loiros canarios nas copas das arvores saltitando de galho em galho, trinavam, formando um quadro alegre!

Eu, e meu companheiro caminhavamos, contemplando o pittoresco panorama que nos offerecia a poderosa Natureza,

Do gado ja se ouvia e mugido, que em magotes, descia a procura d'agua!

Tiros atroadores ouviam-se, echoando além; eram os caçadores, que, perseguiam as medrosas perdizes e os pusillamines veados, que cobardemente fugiam!

O sol, mais quente, banhava com sua ardente luz os cimos das montanhas! O grito das siriemas, que se ouvia longe, muito longe, vinha aos nossos ouvidos, e passava ferindo o espaço! Alegres, cheios de vida, voltamos daquelle passeio matinal, ficando para sempre gravada em nossos corações, uma viva lembrança que, jamais se apagará!

AFFONSO DE VARVILLY

Caxias,

PAGINA ESQUECIDA

....

Crepuslisa...

Vista do alto, num deslumbramento, a paisagem, em torno ao meu vulto immovel sobre uma penha, inquieta-me como um sonho realizado...

Num relance, como numa caricia timida, o olhar esvoaça pelas nuvens esfarrapadas de uma purpura real que o sol vestio em todo aquelle humido dia de inverno...

E a alma, em attitudes de supplica, ergue as mãos a uma estrella florindo no espaço, como um lyrio azul cuja haste fosse immaterial.

Vem-me do fundo de theorias absurdas, de toda uma ruina de investigações inuteis sobre a Origem e o Fim, uma alegria espiritual, qualquer cousa de mistico—que é essencia de minha dor humana.

Volvendo o olhar á terra, em baixo, a velha Fazenda revéla telhados limosos entre frondes, toda ella feita no concavo das serras que me cercam.

Descendo a penha, em recolhimento, vou sem scismas, pelo caminho em d e c l i v e s subitos, com orlas de relvas floridas sobre despenhadeiros...

Aqui e além passa, riscando o silencio, o vôo doudo de uma ave assustada. . Então, apresso o passo num desejo de surprehender scenas rusticas de uma vida simples.

Um pintor, que me seguisse, talvez visse em tudo motivos para a exaltação de sua arte. Eu, de olhos maravilhados e ouvido alérta, mãos innertes, quedava :—agóra, para ouvir a agua que canta a transparencia nativa, logo após para seguir, murmurando, um trecho de canção amorosa que um boiadeiro lançava aos ares tangendo um pesado carro.

Da matta, por atalhos serpeantes, accorriam, isolados e aos pares, trabalhadores suarentos, uns com as enxadas nos hombros, outros com o dorso vergado sob feixes de cannas verdes...

Subia de um descampado na paisagem, o fumo azul de uma cayêra que um rapazôla velava.

Sobre o caminho que eu trilhava desembocou um rapazito descalço, com a cabeça loira, de traços doentios, guiando um bando de gansos que tagarelavam.

Arrepiou-se-me a alma! De pé, com a cabeça lavrada em ouro e esmeralda, o corpo esguio todo feito de esmeralda e ouro, ondulava uma serpe, como a esperar um rithmo de flauta que um domador soprasse. Tive um gesto de recuo... Ella, silvou uma ironia esgueirou-se por entre arbustos propicios.

Rangia, a compassos, monotonamente, a moenda, quando assomei ao pateo... Depois, ao entrar em casa, uma lembrança tua encheu-me de aprehensões, e o vulto de uma cidade longinqua ascenou-me a Felicidade...

....

Guaratiba—1916.

CELSO HERMINIO

Senhorita Christina Silva—Parahyba do Norte

UMA REUNIÃO INTIMA

Mme. Sara Gomes de Paiva, festejou o seu anniversario

Da sombra

Quereis saber a vossa sorte? Perguntou-me uma cigana de olhos castanhos e cabellos pretos. Sim, disse-lhe eu, estendendo-lhe a mão aberta, e fiquei esperando pelas suas palavras com um sorriso descrente. Tens um amor que te mata, tens um veneno n'alma: — a saudade. Já foste muito feliz, mas essa felicidade passou depressa como sóe acontececer com todas as cousas nesta vida. Houve um mancebo que te deu o seu coração.

Sim, cigana, mas eu dei-lhe muito mais, dei-lhe a minh'alma pura, dei a minha vida áquelle coração sem alma. Alma do coração. O que vem a ser isto, perguntou-me a "gitanilla" sorrindo. Não sabes? Não. Responde-me, sabes o que é o amor? O amor .. não sei. E queres ler os destinos. O amor cigana, é a alma do coração. Um coração sem amor é um corpo sem alma. Só os mortos não amam e é por isso que se diz que os mortos não têm alma. Vês como eu sou triste? Pois... eu não amo mais, eu sou um tumulo, porque o meu coração está morto. Vai, cigana, se não tens amor, procura-o. Acceita o meu conselho: Antes de procurar fortuna a mulher deve procurar o amor.

O amor é que nos abre a porta da felicidade.

DALLILA.

Reminescencias

(Á MINHA ESTREMOSA MÃE)

E' bello ver-se, quando a tarde morre
O rio que corre sob amiga sombra,
O doce orvalho que a natura offrece
E que humidece a verdejante alfombra.

E' bello ver-se, nas manhãs bem frescas
As gigantescas serrações agrestes,
E os dubios cantos das nocturnas aves
Tristes suaves nos gentis cyprestes!

As vozes tristes da pombinha á tarde
Que com saudade vae gemer sosinha,
A vida e festa lá na umbrosa serra
A dor que encerra e que voraz definha!

E' bello ver-se, nas manhãs de Maio
O arguto ensaio dos sabiás no prado,
E ás lindas tardes, na caudal floresta
A amiga cesta do viajor cançado!

E' bello ver-se, quando a tarde desce
O mar que cresce se embalando odioso,
Os gritos da ave triste forasteira
Na capoeira a procurar repouso!

Oh! quem não gosta de escutar a orchestra
Que na floresta o passaredo téce!
Ouvir saudoso um magistral concerto
Lá no deserto, quando a tarde desce!

Oh! quem não gosta d'um gorgeio d'ave
Meigo suave d'argentina vóz!
E quem não gosta de um viver agreste
Que goso empreste p'ra quem vive a sós!

P'ra mim as praças, eternaes Castellos
Grandes e bellos não influem tanto!
E déra em troca este «zum-zum» de povo
P'rá ver de novo o meu natal recanto!

Rasgam-me o peito prematuras dores
Em vez de flores que eu tivera outr'ora.
Da curta vida que eu gosei creança
Resta a lembrança que minh'alma chora!

Mas hei de um dia, se é que tudo finda
Tornar ainda áquelle lar que chóro,
Em prantos hei de me lançar sem custo
No collo augusto de uma Mãe que adoro!

Gumercindo Reychmann

Rio, Agosto de 1916.

Para os «Primeiros versos»

MODOS E MODAS

Para a estação quente que se iniciou façam as toilettes de fazendas leves, dando preferencia as cores rosa, verde, azul claro e branca.

São as preferidas; e com essa variedade de coloridos vemos uma infinidade de creações novas, graciosas e bem elegantes.

Os ultimos figurinos trazem determinado a preferencia dessas cores em todos os centros elegantes.

Os francezes applicam esses coloridos em seu vestuario, para amenizar as creações militares, ideia predominante em todas as capitaes dos paizes em luta, que já não se contentam em adoptarem o fardamento de seus soldados as suas gentis patricias. Querem tambem que os botões, chapéos e sapatos apresentem semelhança com os modelos dos combatentes.

Afora a pobresa de audacia nas suas creações, a ideia moral que os norteiam é apoiavel, porquanto denota uma homenagem aos que na frente se sacrificam na defesa dos interesses collectivos.

Fig. n. 1

Fig. 2

Dessa forma sendo, a moda franceza é tributaria a quasi totalidade das sociedades civilisadas, ella obriga o uso de modelos que muitas

Fig. 3

Fig. 4

vezes não se liga ao gosto e sentimento artistico dos meios que lhe são dependentes.

Em Hespanha, por exemplo, já se organisa forte reação ao espirito dominante na moda franceza. Protestam contra a pobresa de gosto e decresa de talhe dos trajes nos ultimos figurinos, e procuram modifical-os, fazendo, quiçá, typos novos, com mais graça, e mais apropriados á delicadeza das vestes femeninas.

E dizem que se libertarão dos figurinos franco-inglezes, conseguindo dar ás suas patricias toilettes de accordo com as predilecções do meio e das suas causas, fugindo aos modelos marciaes, quando desse espirito está felizmente immune.

Procuramos seguir-lhes o exemplo.

Damos hoje os modelos que, pensamos, muito virá agradar as nossas gentis senhoritas:

N. 1) Vestidinho de «voile» plissado «sol». O corpo comprehende um encabeçamento que desce sobre os hombros e forma na frente uma tira estreita que vem até a cintura. O resto do corpo plissado e armado neste encabeçamento, fecha nas costas.

Gola alta em cambraia e fita de faille no decote, passada numa pequena fivel'a d'aço. Mangas com um folho em baixo e cinta de «tafettá».

A saia é formada com dois folhos plissado «sol», deixando um delles, uma prega mais larga na frente.

N. 2) Toilette para menina. O corpo de granitalo azul-velho, é talhado kimono e elegantemente preso a frente. As mangas curtas, ornadas com botões de bola e um plissado de tulle. O corpo é talhado na frente com uma parte abotoada passando sobre o cinto.

Fig. 5

Fig. 6

A saia de zephir é talhada em forma e armada com franzido na cintura.

Em baixo uma tira com riscos atravessados.

N. 3) Corpo elegante e simples, em crépe. Georgette azul velho. Armado com franzidos n'um encabeçamento bastante grande nas costas e curto na frente.

Tres linhas de aberto cortam o corpo pelo meio. O guimpe é de cassa côr de rosa desmaiada e a gola subida é feita com abertos a borda.

N.4) Original «chemisette» em crepon liso e crepon com flores. As mangas e os lados do corpo são kimono.

A grande gola arredondada nas costas e em bico na frente, faz-se em crepon florido, com borla em liso.

N. 5) Corpo de musseline de seda verde forrada de musseline côr de rosa.

A musseline verde é muito franzida em volta do decote, e avivada com setim.

A guimpe abotoada far-se-á em musseline rosa ou tulle.

Entre as duas musselines correm umas alsas de setim verde e uma larga tira de setim que forma bicos na frente e nas costas,

N. 6) Esta bella «chamisette» faz-se em crepe da China, liberty, «charmeuse».

E' decotada em redondo sobre uma guimpe de cassa ou de tulle, cuja gola è levemente bordada,

Punhos egualmente bordados.

N. 7) Mui bello «deshabillé» em crepe da China côr de rosa.

A matinée em forma kimono, e vaga nas costas, emquanto que na frente é segura na cintura por uma fita rosa. Esta fita crusa e termina com dois «choux».

O decote, guarnecido com uma fita, leva um cabeção feito de plissado espalmado em musseline de seda.

Folhos egual nas mangas, largos e curtos.

N. 8) Este «coquet deshabillé» faz-se em cambraia branca. A matinée comprehende um pequeno encabeçamento, em que são armados com diversas ordens de franzidos as frentes e costas, muito amplas.

Sobre este encabeçamento assenta uma grande gola, com as bandas compridas que se reunem em baixo com um laço largo de setim.

Folhos bordados e relevos.

N. 9) «Deshabillé» em crepon de seda limão, com galões bordados a pontos de cadeia em dois tons de azul.

As mangas são pregadas aos hombros com varias ordens de franzidos. A blusa aberta dos lados, fecha sobre os hombros sendo ornada em toda a gola com galões bordados.

A gola e os canhões das mangas fazem-se em cassa branca.

::::::::

Fig. 9 Fig. 8 Fig. 7

Notas Mundanas

ANNIVERSARIOS

Fizeram annos a 27 do corrente.

Senhoritas:

Clementina Leite;
Esther da Silva Bago;
Eulalia da Conceição Moraes Brito;
Emilia Bandeira;
Cecilia Maria Cordeiro;
Kraina Paulo de Oliveira;
Leonor Brandão;
Astréa Fanzeres;
Zuleika Pilar.

As senhoras:

Carolina de Mattos Almeida;
Delphina de Macedo Costa;
Brandina Cardoso;
Luiza de Andrade Lauro Müller.

Fizeram annos a 28 do corrente:

As senhoritas:

Fluvia Augusta do Nascimento;
Lila Maria de Araujo;

Eliza Maria Baptista;

As senhoras :

Anna de Toledo Costa;
Josephina Bonks Fernandes;
Senhora Paranhos Bastos, viuva do general Bastos;
Senhora Palmyra Gonçalves Rocha;
Senhora Margarida Pereira dos Santos.

Fazem annos hoje, 31 :

O joven Braulio José Silva, filho do capitão Manoel José Silva.

Amanhã :

As senhoritas :
Odette Torres;
Nadir Mendonça.

A' 3 de Setembro:

O sr. Rodolpho Teixeira Moreira.

Senhoritas :

Adelina Moraes;
Etelvina Praxedes,

O menino Milton, filho do sr. Armando Gonçalves.

A' 5 de Setembro :

A senhora Amalia Fragoso;
O sr. Candido B. Siqueira;

CASAMENTOS

Com a senhorita Hercilia de Farias Regua, contratou casamento o sr. Henrique Costa, interessado da casa Paschoal.

—Com a senhorita Zuleika Lamenha Lins, filha do commandante Lamenha Lins, contratou casamento o dr. José Hygino Duarte Pereira, advogado nos auditorios desta capital, e filho do fallecido ministro José Hygino Duarte Pereira.

—Contratou casamento com a senhorita Yolanda Martins Miranda, irmã do sr. Oswaldo Martins Miranda, academico de direito, o sr. Alfredo Pereira Rego, 2º escripturario da secretaria do Lloyd Brazileiro.

— O Dr. Martinho Guimarães, clinico nesta capital, contratou casamento com a distincta senhorita Maria Amelia Chermont de Brito, filha do deputado federal Dr,Theotonio de Brito.

—Realizou-se, o enlace matrimonial do sr. José Roque Hollanda da Rocha com mlle. Zaira Garcez, filha do sr. José Purpurino Garcez, funccionario do Thesouro Nacional.

Serviram de paranymphos : no acto civil por parte dos nubentes os srs. Adolpho Santiago e Ricardo Carneiro e no religioso o sr. Adolpho Santiago e sua exma. esposa, mme. Angelina Santiago.

—Com mlle, Nize Baptista, filha do sr. Arthur Napoleão Baptista, chefe de secção na Repatição Geral dos Telegraphos, contratou casamento o sr. dr. Abdias Octavio Vieira.

—O sr. Renato Lisboa Gonçalves, do commercio desta praça, contratou casamento com mlle. Emma Martins, filha do sr. pharmaceutico René Martins.

—Contratou casamento com mlle. Julieta Bittencourt, neta do sr. coronel Firmino Simas, corretor de nossa praça, o sr. dr. Samuel Pereira, distincto medico operador.

—Contratou casamento com Mlle. Fany Margulies, gentilissima filha do sr. joão Margulies, antigo negociante da nossa praça, o sr. Antonio Paranhos Bastos, filho do fallecido general Paranhos Bastos.

—O professor Carlos Werneck contratou o seu casamento com a senhorita M. Monteiro, de uma das principaes familias destaCapital.

—O sr. Eurico Aragão contratou o seu casamento com a senhorita Diola Mallio, irmã dos srs. maestro F. Mallio, dr. A. Mallio e cunhada do sr. general M. Lavrador.

—Foram lidos Domingo na Cathedral Metropolitana. os seguintes proclamas de casamento :

Eugenio Carmo Gosso e Caetana Infante, Raymundo Pereirs Caldas Junior e Laura de Almeida Rego, José Medeiros da Silva Leal e Avelina Pires Guerra, Isidoro José Martins e Marieta de Oliveira Carvalho,

José de Mattos e Benedicta de Jesus Monteiro, Germano Fernandes de Araujo e Lydia da Rocha Goetz, Dr. Flavio Pinheiro da Silva Porto e Heloisa Pollo, Amadeu Josias e Florinda Manfredo, Ernesto Manfredo e Gracinda Alves, Ferdinando Bruno e Philomena Panno Valecci, Antonio Chiaro e Maria Rosario Manso, Jayme Figueiredo Cardoso e Hercilia da Silva Barbosa, Ivo Gonçalves Rocho e Ida Contrucci Fernandes, João Cerqueira e Custodia Marques, Hyppolito Pinto de Oliveira e Maria de Lourdes da Silva Duarte, Domingos José Dias e Laura da Costa Oliveira, Paschoal Bernardino Felippe e Julia Dutra e Mello, Manoel Barros e Marilha do Carmo, Antonio Pereira Lêite e Antonia de Faria, Manoel Martins Silva e Antonia Alves Voluntaria, Ernesto de Almeida Silva e Heloisa de Almeida e Silva, Pedro Fraga Montalvão e Jandyra Lobo Guimarães, Francisco Pereira de Oliveira e He'ena Martins, Pytagoras Abelardo Sibeiro e Philomena Caruso, Antonio José Corrêa e Silvina de Jesus, Silveres Gil de Andrade Filho e Leocadia Sampaio Guimarães, João Luiz Pereira e Noemia Carvalho, Anysio de Magalhães Braga e Herminia Lopes dos Santos, Angelo de Souza Bittencourt e Neomisia Mesquita Catão, Antonio Soares Pimentel e Maria da Conceição Ribeiro, Francisco Martins de Souza e Luiza Agostinho, Dr. Aldemar Rezende Meiru e Francelina Soares dos Santos, Andre Panno Voléce e Philomena Capello, Etheocler de Lacerda e Palmyra Ferreira da Costa, Tenente Maurilio Aithur Guimarães e Maria Edith Cavalcanti e Mello, Carlos de Araujo Camillo e Francisca Fernandes Pinto, Cosé Roque Hollanda da Rocha e Zaira Garcez, Raul Marques e Anna da Silva Maia, Salvador Gomes da Silva e Julieta Bettani, Anselo Juvenal do Nascimeuto e Adelaide de Andrade.

BODAS DE OURO

Viram passar a 25 do corrente o 50º anniversario de seu feliz consorcio o sr. dr. Carlos Peixoto de Mello e sua distincta consorte Mme. Agostinha Brandão Peixoto de Mello, dignos progenitores do illustre parlamentar dr. Carlos Peixoto Filho.

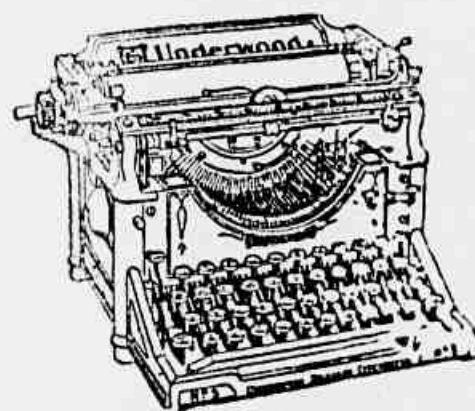
Da nossa alta sociedade, recebeu o estimado casal nesse dia, as mais inequivocas demonstrações de estima e sympathia a que faz jùs pela nobreza de seu caracter e coração.

Em sua residencia, á rua Carlota, em Botafogo, o dr. Carlos Peixoto de Mello e sua exma. esposa, em recepção intima, receberam as homenagens das pessoas de suas relações.

BODAS DE PRATA

O sr. Felix de Oliveira e sua exma. esposa D. Antonia Veiga de Oliveira, viram passar a 25 do corren-e o seu 25º anniversario de seu feliz matrimonio.

Correio

Temos cartas para Mlles. Helena, D. Nogueira, (Bahia); Odette Lima, (Juiz de Fóra) Ignez Melli, (Santos).

Quem perdeu?

A caderneta n. 7231 do Banco Nacional Ultramarino, foi entregue em nossa redacção por Mlle. Radamesita.

—Uma bolsa de prata com monogramma, entregue por Mlle. Adalgisa Fellin.

TAÇA DO JORNAL DAS MOÇAS

RESULTADO FINAL

1.º **Odylla Briani**..... 98 pontos
2.º **Nadir** .... 97 "
3º. **Dylia** .... 96 "
Colibri .... 96 "

A terceira collocação coube a Dylia, por ter obtido maior numero de primeiros logares.

Os premios promettidos acham-se em nossa redacção á disposição das tres primeiras classificadas.

ENTRE DOIS AMORES

Original de MARGARIDA DUVAL — N. 3

Gilberto havia completado a sua maioridade e preparava-se para uma nova viagem aos Estados-Unidos, quando o tio com quem vivia habitualmente no Rio, tendo chegado de visitar as suas grandes uzinas de assucar em Campos, preveniu que não sahisse, depois do jantar, sem que trocassem duas palavras.

Precisamente nessa tarde, um claro sabbado de calores, Gilberto convencionara estar desde cedo com outros rapazes do sport para decidirem, na sociedade, um caso sério que surgira com a proposta de fusão de dois clubs convisinhos. Lá mandava, entretanto, um telegramma e ficava pelo gabinete a esperar que regressasse á casa o sr. José Torres, o tio Juca. Que diabo lhe quereria ?

Mas o tio chegava já para attender á sua inquieta curiosidade. E vinha assentar-se á secretaria.

— A tua viagem aos Estados-Unidos vae ficar adiada. Parto eu. A velhice começa a exigir que encurte os intervallos de aguas. Vou, portanto, reconstituir-me. Antes, porém, de fazel-o preciso que estejas afinal com o teu padrinho que é, depois de mim o teu pae. Irás visital-o. E como, segundo informações, nessa mesma cidade tem a sua banca de notariado um velho amigo da nossa quasi extincta familia, o Nunes, aproveito a opportunidade para que, de minha parte o chames ao Rio. Temos negocios a regular. Entretanto quero que estejas ao corrente de tudo. Toma, pois, este envolucro e sempre que tiveres algumas horas disponiveis vae lendo essa papelada. Ficarás inteirado do que te convem saber.

Gilberto alarmava-se, approximando-se.

— Mas o tio não pretende estar fazendo as suas ultimas disposições, quero crêr.

— Não, não pretendo e pela simples razão de que ellas já estão ha muito feitas. Pois necessito do Nunes precisamente para o assumpto.

E como Gilberto insistisse.

— Mas por certo não estou com o menor desejo de morrer, socega. Apenas, acautelo-me. Vou viajar. Serás tu o meu substituto neste negocio, si não preferires outro. De resto vou necessitando de descançar.

Ficou, assim, combinado que Gilberto aproveitaria o verão para ir emfim, fazer essa visita que andava havia dez annos promettida ao padrinho. Emquanto o tio Torres se aprestava para tomar o seu paquete em procura das aguas que lhe lavassem as visceras, ia elle ver o padrinho, passar trinta dias na frescura da serra, na fazenda do velho Dr. Barreiras.

Tinha onze annos a ultima vez em que esteve com o padrinho e isso na antiga fazenda do Monte Azul, antes dessa mudança para a Independencia. E d'ahi por deante só se encontrava com o paciente medico que o vira nascer e que o defendera da morte n'uma lucta de quasi tres mezes, quando, de anno a anno, ás vezes de dois em dois annos, o Dr. Barreiras arrumava as suas mallas, deixava o socego das terras florestaes e vinha tirar as teias de aranha da cabeça como elle proprio dizia, n'um passeio de duas semanas ao Rio.

E assim foi que, para afinal visital-o, n'uma tarde abafada de verão saltára no apeadeiro do caminho de ferro em V. no momento preciso em que desabava uma tremenda tempestade, Tivera mesmo que pernoitar em um hotel da cidadesinha, ouvindo ainda correrem pelo arvoredo as cordas d'agua que o vento agitava n'uma reviravolta do tempo que, depois de amainado o primeiro temporal, trouxera de novo uma chuva persistente e alagadora. O caminho ficára de certo tomado das aguas e tivera que anoitar no hotel, recolhendo o carro que lhe mandára o padrinho.

O dia seguinte amanhecêra rutilante de luz, diaphana a atmosphera, dulcissima a temperatura. Gilberto levantára muito cedo e antes de estar preparado o vehiculo que o levaria pela doçura da estrada sem poeira, pela fresca da manhã, sahira a percorrer a cidadezinha, ainda cheirosa da lavagem da vespera, com os telhados limpos, as grandes hortas e chacaras reverdecidas e velludosas de humidade, as flores ainda rorejantes de orvalho.

E fôra nesse passeio que cruzára na rua com a Luizinha que já, ao que parece, voltava de longe, acompanhada da velha Rosa.

(Continúa)

Secção de Felicidade

As Respostas de Mr. Macharioff

LINDOCA L. (Meyer) — A felicidade é relativamente pequena comparada a sua ambição; comtudo, poderá ainda melhoral-a.

Evite ter muitas amigas.

A consultante é fortemente invejada e dahi transtornos varios nos seus pensamentos.

Vejo pouca saude porem terá vida longa e gozará de conforto.

TARA. (Andarahy) — Um pequeno esforço para dominar o genio fórte que possue.

Vejo necessidade de distrahir certos pensamentos mais fortes que a sua natureza.

Procure a paz.

Vejo o seu desejo um tanto difficil para ser conseguido este anno.

Vejo surprezas agradaveis e desagradaveis antes de ter uma esperança solida.

Cautela e poderá vencer.

CLOTILDE (Catumby) — Terá que vencer algumas difficuldades para conseguir o seu desejo.

Vejo que será necessario a maxima prudencia para triumphar.

Vejo amigas boas e uma festa breve onde terá occasião de sentir grande satisfação

TITINA (Meyer) — Vejo que a consultante tem o seu maior desejo; é amada com fervor, porem, ainda ignora esse amor.

Afaste os pensamentos que perturbam esse ideal; vejo que é pouco sincera até para as boas amigas que possue.

Vejo uma pequena contrariedade e longa vida.

YSENEA LARMLS — A consultante priva-me de poder ler nas suas cartas; vejo falta de confiança e confusão de pensamentos.

Consulte-me brevemente e com mais sinceridade.

LILINDA — (Paty do Alferes) — O futuro lhe reserva uma vida calma e confortavel vejo a presença de um moço moreno que muita attenção lhe presta.

Vejo saude e vida longa.

VIOLETA BRANCA (S. Christovão) — As suas cartas estão totalmente confusas. Talvez pudesse dizer algo do seu futuro si partisse o baralho.

MARAVILHA (S. Christovão) — Vejo muitos candidatos, porem, todos voluveis; vejo que a consultante se cazará com um homem formado e não muito moço.

Vejo muitas amigas boas e soffriveis, há entre elles alguma que lhe nutre grande inveja.

Cautela e vencerá por um futuro afortunado.

MARRY JOVINA — Nada posso ter nas suas cartas.

Em que anno nasceu ? Complete as informações indispensaveis.

ALFREDINHA (João Caetano) — Difficilmente posso affirmar a realisação do seu desejo.

Vejo que o actual pretendente não é querido entre os seus e terá que lutar.

Talvez possa obter melhores dias mudando o pensamento. Cuidado com a saude para poder trabalhar.

ODETTE (Barra) — A esperança do dominio não lhe fará feliz.

Vejo que a consultante tem perdido o melhor tempo da sua vida.

As minhas cartas aconselham modificar os pensamentos actuaes e procurar a sympathia pela sinceridade.

Não empreste tanta frivolidade ás suas acções. Vejo saude e vida longa.

LUIZINHA PORTO — Vejo que a consultante se cazará ainda este anno, si corresponder as attenções que lhe dispensa um moço moreno.

Será feliz depois de cazada porque o futuro lhe reserva muitas sorprezas agradaveis.

Vejo boas amigas e bons conselheiros com grande proveito para proximos dias.

MARINA (Penha) — Sem indicar-me o anno em que nasceu, pelo menos, nada posso ler nas suas cartas.

VIVI M. (Todos os Santos) — Com prudencia e afastando as más amigas que possue, vencerá obtendo o que deseja.

Vejo um pequeno desgosto e uma curta viagem ainda este anno.

Vida longa e saude.

MADRE SILVA (Villa Proletaria) — Fortes desenganos terá que soffrer.

Vejo demasiado volubilidade e será necessario cautela para vencer. Nada é impossivel na vida.

A consultante deve ser mais sincera e prestar menos attenção aos conselhos de amigos que a cercam.

Vejo pouca saude; pequena viagem em breve dias sem motivos para satisfação.

AMOR PERFEITO (Pedreira Tujá) — Vejo difficilmente destacar-se um candidato.

Vejo que o futuro lhe dará agradaveis sorprezas; é cedo para conquistar seu ideal.

Acautele-se com a saude evitando excesso nos folguedos que lhe serão mui prejudiciaes.

QUER SABER DO SEU FUTURO ?

Responda-nos por este questionario :

Pseudonymo ....

Anno em que nasceu ....

Côr de seus cabellos.................

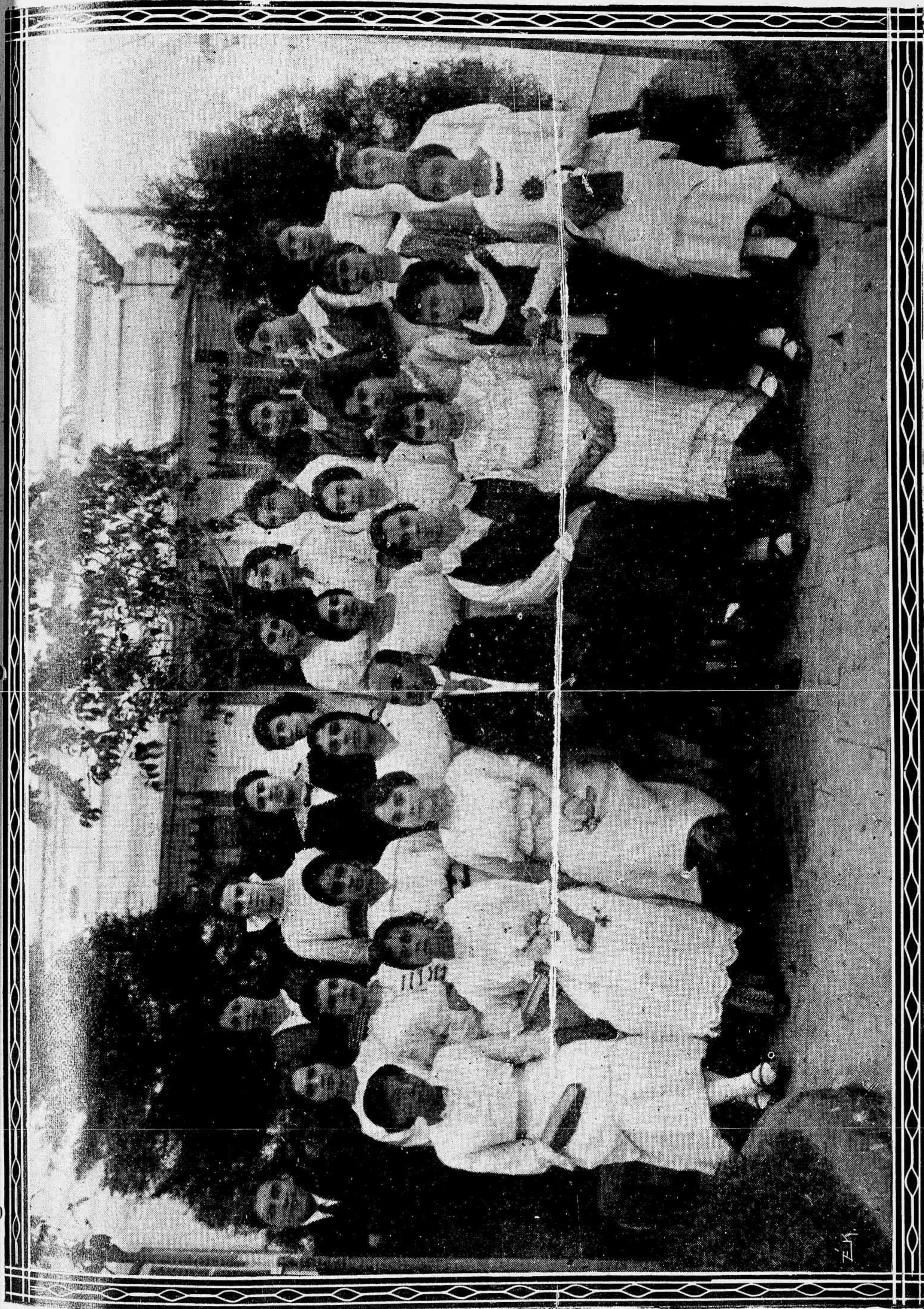
» » » olhos..........................

Bairro em que mora...................

O que mais deseja na vida ?..........

Para uso exclusivo da Redacção:

Assignatura da consultante...........

Residencia ....

Alumnas do 4º anno ladeando o sr. Antonio de Castro Faria, Director da Escola

Santa Casa—Enfermaria 24—Professor dr. Daniel de Almeida, seus internos e Damas da Cruz Vermelha.
Mme. Capanema. Eva Vam Endens Vernozzi, mlles. Ida e Rachel Vernozzi

Tristezas

Para Lucio Neval
Do "Correio"

E' modesta a alcova branca, inteiramente branca, preparada com cuidado e carinho por mãos femininas; saturada de odor suave e delicado, illuminada unicamente por uma pequenina lampada, cujo lume prestes a extinguir-se deita por sobre os moveis de faia branca com frisos dourados, uma claridade tenue e vacillante.

Na estreteza desse ambiente lugubre, sombrio e mudo, entre quatro paredes alvas que se erguem magestosamente, está a figura authentica da saudade... imagem dilacerante da tristeza...:

Deitada sobre as macias almofadas do leito, sob as sombras de alvos lençóes de linho, a cabeça perfumada repousa no travesseiro de fronha nivea, bordada por mão delicada.

A basta cabelleira côr de ebano emmoldura-lhe o rosto pallido.

Tenta dormir, mas o somno foge-lhe medroso com avidez incrivel...

Deseja sonhar, mas os sonhos encontram-na accordada... Soffre!...

O olhar vagueia pela alvura immaculada das cortinas; nada vê.

O pensamento dardeja em torno de uma felicidade perdida... como o beija-flor a festejar as petalas de uma rosa fenecida aos raios d'um sol canicular.

ESCOLA TIRADENTES

Um grupo de distinctas professoras, posando para o "Jornal das Moças"

Dentro do peito pulsa-lhe o coração afflicto, esmo de amor.

Revê o passado. Alguma cousa lhe fascina, deslumbra e suavisa... um sorriso brando, doce e impressionante paira-lhe nos labios lividos, crispados pela dôr. Labios sentenciados a jamais desabrochar a « flôr de uma risada. »

Volve um olhar ao presente; tudo lhe atemorisa, via-se-lhe o semblante. As lagrimas affluem aos olhos amortecidos. O choro convulso afoga-lhe na garganta um nome bem amado... Pronuncia palavras inintelligiveis.

Sente-se completamente desolada, sem um coração amigo, sem uma alma bemfeitora, em vão procura consolo, debalde busca conforto!

Vê desapparecerem as visões bellissimas da primeira idade. Foram-se os sonhos chimericos, as esperanças... surgiram amargura... dôr.

Mão inconsciente roubou-lhe o ideal. Sem um amparo nesse momento cruel e decisivo deixou-se arrastar por uma obediencia cega, ignorando as consequencias desse acto; as torturas, à solidão, os desalentos e os soffrimentos que aguardavam.

E sósinha na alcova silente e solitaria, esquecida e talvez odiada, sem um queixume, sem um lamento angustioso, carpi seu infortunio, sua infelicidade, sua desventura!...

....

« E como tudo passa!... »

Sim; os acontecimentos passam, mas a dôr e os soffrimentos perduram!

Parahyba do Norte, Julho de 1916.

ALBA RIENZO.

CURSO NORMAL DO INSTITUTO POLYGLOTICO RIO BRANCO

Grupo de alumnas do 1· anno

ALVORADA !

(A' minha amiguinha Norma de Azevedo Bastos.)

— Eram seis horas da manhã.

O sol elevando-se no horizonte derramava cascatas de luz, sobre as praias de ouro ! . . .

O tempo estava soberbo ; o céo azul salpicado de pequenas nuvens brancas. O sol, ao longe, de entre as montanhas vinha nascendo. Os seus loiros raios, deitavam-se ainda pelo céo azul, e iam acariciar as brancas e vaporosas fumaças que se espalhavam pelo firmamento.

Apenas a clara luz, fresca e delicada a aurora, clareava a terra e despertava as silhuetas calmas que dormiam sob as ramadas das frondosas mangueiras. Era o tempo predilecto das aves que entoavam cantigas maternaes ! e, o sol rasgando as trevas da noite apontou no horizonte ; seu olhar magestoso fitou as aguas que corriam serenas ; a expressão de seu olhar de prata, parou n'um lago immenso onde voluptuosas velas, balouçavam dolentes á brisa amorosa.

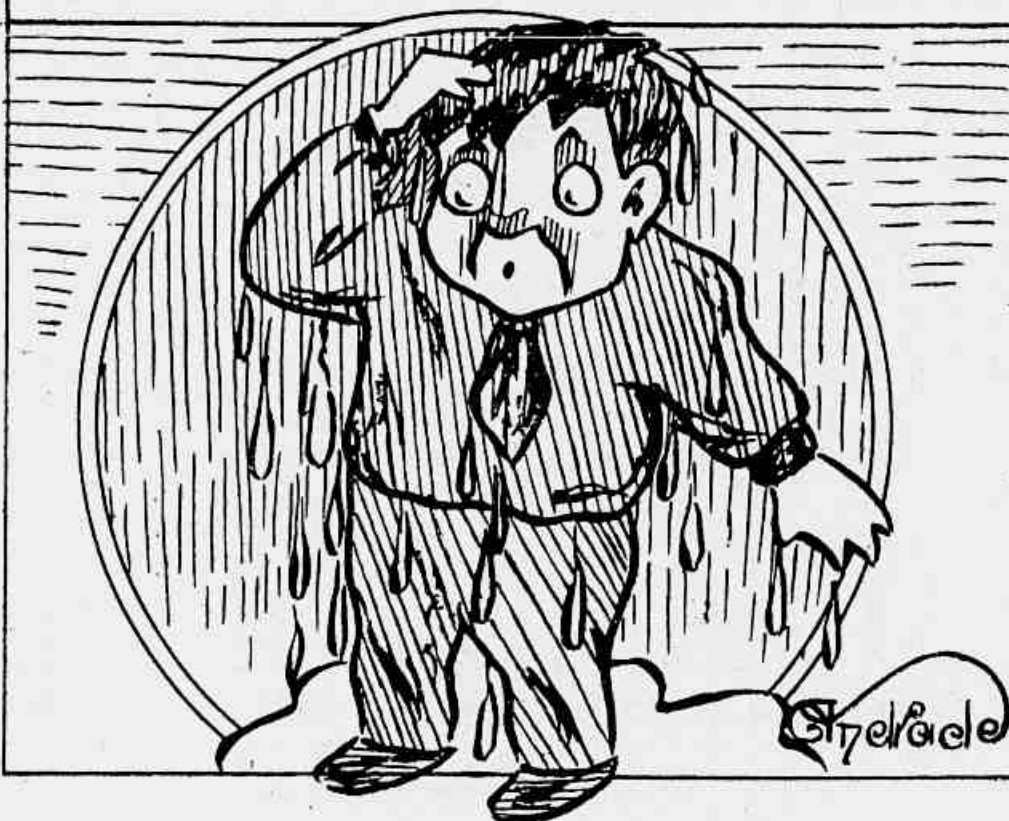
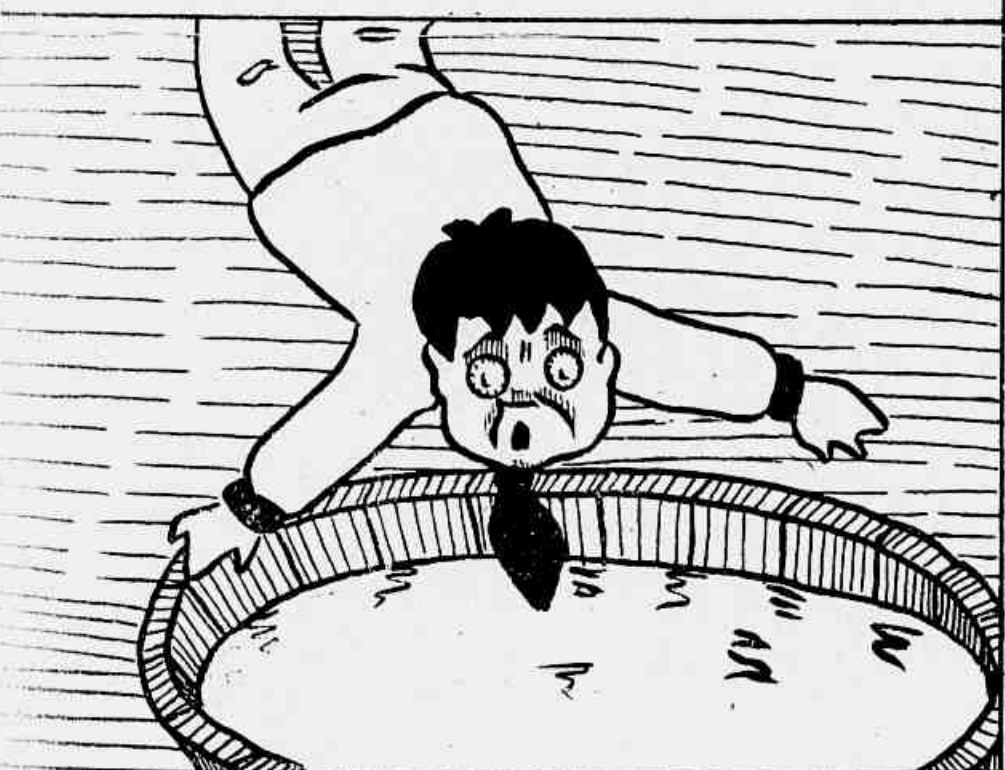
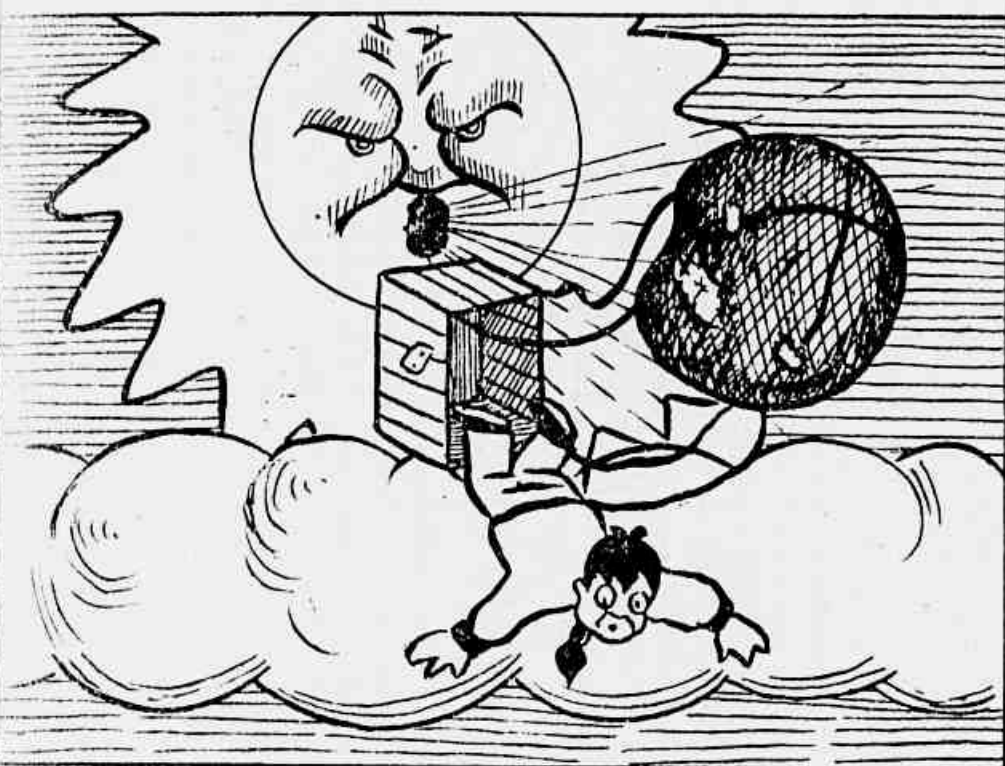
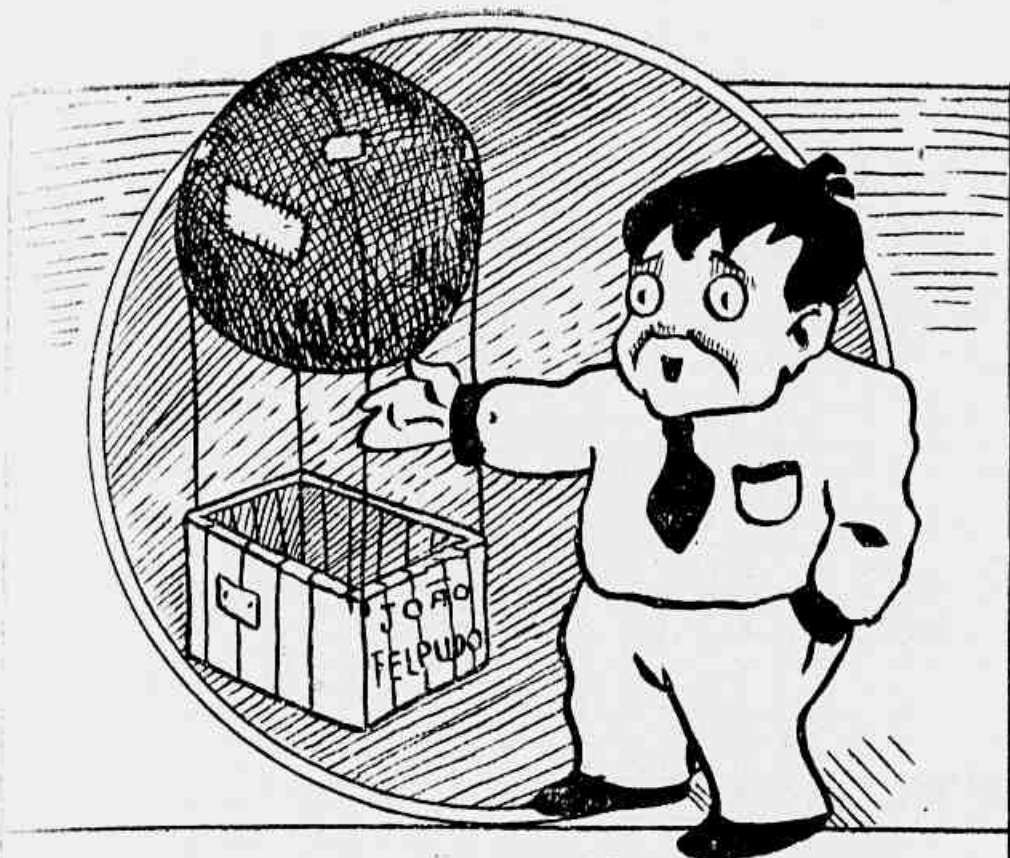
Os canoeiros, haviam despertado para a nova vida, e, seguiam nas canôas em busca de peixinhos para vender. Pouco a pouco o dia foi rompendo, e a vida para tudo e para todos, nasceu, sempre alegre e bôa !

Manhã ! manhã !

Eis a mocidade do dia que nasce e morre sem nunca acabar !

(Sampaio)

CONSTANÇA PAIM PAMPLONA.

JOÃO FELPUDO AERONAUTA

1) João Felpudo roubou o cesto do padeiro, amarrou-lhe umas cordas de guaxima secca, encheu um reservatorio de gaz e annunciou um *raid* pelo bairro.

2) Tudo correu bem até a partida. Quando João Felpudo gritou solemnemente o *larga tudo*, o pessoal acclamou-o enthusiasticamente!

3) O balão subiu, subiu, subiu... João Felpudo já não tinha carga alijar e o balão sempre subindo. Mas o sol esquentou e, como na lenda de Icaro, frouxaram as cordas de cebo, e o reservatorio abriu... agua.

4) Entretanto o pessoal em baixo, commentando o successo do rapaz, estava verdadeiramente pasmado.

5) Mas eis que João Felpudo vendo que a traquitana ameaçava ir até a Via Lactea e se approximava demasiadamente do sol, resolveu *dar o fóra* e iniciou uma descida... a nove pontos... vindo cahir no tanque do parque...

6) Agora todo molhado e com algumas escoriações perdeu a mania aeronautica, em que se ensaiava para ir para a *front* francez!!!

Ás Leitoras do Jornal das Moças

CICI....

Por Ninico de Souza
Porto das

D.C.

I. VEZ
II. VEZ

Torneios charadisticos

SETIMO TORNEIO

PROBLEMAS NS. 29 a 45

CHARADAS NOVISSIMAS

2—2—Em Maricá estudava uma linda mulher.

PYRILAMPO (Bahia)

——

2—3—A cerca do parecer estou de prevenção.

EUMÉNIDES

O h ! cometa, o homem tem pena [illegible] senhor—2—1—1.
R ei procura a fructa—2—2.
A carta tem nota de dois typos constantes—1—1—2.
M ulher de um titular estrangeiro—2—2.
A maior vasilha para um cadaver—1—2

THEBAS

———

(Ao mestre Parm)

2—2 Esta mulher fez um signal na cidade.

CAPITÃO FOX

———

Um lindo chapéo de verão

(Ao velho collega D. Ravib)
1 1/2—1/2 1—A malicia da mulher está na bocca.

MIS HANGA

CHARADAS SYNCOPADAS

2—2—Na cidade vive o animal.

CHOPIN (Barra Pirahy)

3—2 O habitante que reside proximo a minha casa gosta de bebida.

STAEL

3—2—E' pacifico ! porém parece ave.

ZENITH

3—2—Quem anda com lentidão cessa o movimento sem querer.

NADYR

(A' minha mana e talentosa charadista Princeza dos Dollares)
São palavras de um bôbo,
Acredite quem quizer,
O amor é uma loucura—4—
Que não persegue a mulher—2—.

PRINCIPE ANTE

ENIGMAS

Este enigma presente
Cinco letras tem sómente;
Primeira e quinta vogaes,
Bem parecidas, iguaes.
Segunda e quarta consoantes,
Bem iguaes, bem semilhantes.
A terceira, está coitada
Anda p'r'ahi desparelhada.
A este enigma deleitante
Sendo duas letras bastante,
Com tres syllabas se faz.
Quer de diante para traz,
Quer de traz para diante
Achareis ave importante.

JOHN BULL

5 1609 metros—1000.

CABO KUTUBA

CHARADA ANTIGA

(A' distincta collega Ronoel)
Bemdita sejas tù mulher divina—3
Que na estrada da vida onde caminho
Fitei-te certa vez quando menina
Eras talvez do Céu a embaixatriz,
Que na estrada da vida onde caminho,
Fez-me cantor, um sonhador feliz.
Tanto que eu quiz pedir ao peito teu
Abrigo,p'ra os versos meus, filha do Céu—3,
Mas, Deus não quiz. Natural... Passados
Tantos annos, agora, volto cantando
Os meus versos tristes, nevoados
Onde vive o teu nome dominando.

LORD DO'E

AVISO

As senhoritas decifrarão os 14 primeiros problemas, e os cavalheiros, todos os 17.

CORRESPONDENCIA

EUMENIDES—Agora deve estar satisfeito, pois, conseguiu ser inscripto.

STAEL—Com este pseudonymo pode collaborar.

GENTIL MALVEIROS, CHOPIN, JOHNBULL, PYRILAMPO, CAPITÃO FOX, CABO KUTUBA E MIS HANGA—Inscriptos.

PRINCIPE ANTE—Tenho receio de que o collega se torne «rei após», porém està inscripto.

THEBAS—O velho collega e amigo sempre teve um logar bem saliente em meu coração.

MLLE. IVETTE—A collaboração da collega é bem recebida.

LORD D'OE.—Emfim, quando se ama tudo se tolera !

Inscripto.

ORAMA

O mais moderno chapéo para o verão

SONETOS

Never Morre!

(Parodiando)

Para ODETTE ANDRADE.

Si alguma vez, eu disse que te amava
desculpa-me mulher!... Fôra imprudente!
Eu vivia a enganar-te, unicamente,
unicamente, n'outro amor, pensava!...

Se a minha vóz, callava-se, fallava
o meu olhar muito fingidamente;
pois que, se a voz encobre o que a alma
[sente,
os olhos contam o que ella não contava!...

Meu gésto simples, vago, constrangido,
meu fallar, meu sorrir, tudo exprimia,
tudo exhalava o meu amor fingido!...

— Em tudo o meu desprezo se exhibia:
Só estava bem, se andava foragido,
só me sentia bem se não te via!...

VICTOR SANTOS.

A Orphã

Pallida, entristecida, abandonada e só,
Sem nunca mais fruir os beijos maternaes,
Sem ter da rosea vida os gosos divinaes,
Vivia n'uma angustia que fazia dó.

Sem pão e sem abrigo, á sombra d'uma cruz,
Com o celico olhar n'um Christo dolorido,
Chorava de saudade um pranto enternecido.
E nunca mais brilhou nos olhos della a luz

De um divinal sorriso. E triste soluçava...
E como as meigas aves de um funesto ni-
[nho,
Suspirava, chorando o maternal carinho,

Chorava ao pé da cruz de Christo que mi-
[rava.
E na alma dolorida, como vil fadario,
Trasia as agonias todas do Calvario.

ANDRÉ GALASSO.

Por ti...

Que não mais faça versos, tu me dizes,
E achas que por desidia ou por descrença.
— Talvez... Mas si é mister que os infe-
[lizes
Soffram sorrindo, a sua mágoa immensa,

Eu, por muito querer-te, as cicatrizes
Do velho soffrimento esqueço. Pensa,
Porém, que, embora a vida concretizes,
Do meu róseo ideal, de minha crença,

Tão longe estás de mim, que os meus can-
[tares
Só chegarão, talvez, aos teus ouvidos
Como um rumor de queixas e pezares!

No emtanto. eu cantarei, no imo do peito
Suffocando os soluços e os gemidos,
Pelo supremo bem que me tens feito.

JULIO MERAL.

Somno eterno

A' meu pai.

Para adornar o teu caixão dourado,
Quiz dar-te rosas das mais bellas côres,
Violetas, myosotis, muitas flôres,
Pois mereceste, pai idolatrado.

E no lugar que o corpo teu repousa,
Quero plantar muitas roseiras bellas,
Para que tenhas flôres mil, singelas
Para enfeitar tua singela lousa

Hei de pedir á Deus, que é justo e forte
Que junque de rosas despetaladas
Esse caminho em que te leva a Morte.

E a tua alma, ó pai, pura, querida,
Verá rolar, em chuva transformadas,
As flores que adoraste quando em vida.

VALMIRINA RAMOS.

O outro amor

(Ao bello sexo)

Todos nós, supplicamos loucamente,
Um outro amôr alem do amor materno;
Um amôr que é p'ra nós um Deus superno,
Um quer que seja, emfim, de omnipotente.

Andamos á esmolar constantemente,
Pela estrada da vida; amôr eterno...
Num tom piedoso, flebil, meigo e terno,
A' luz de uma esperança alvinitente.

De coração em coração, andamos
Em busca d'esse amôr que ambicionamos,
Até, que, n'um, achamo-l'o áfinal.

Venturosos, então, na vida amamos!...
E, só mais tarde é que consideramos
Que o amôr é um bem que tanto nos faz
[mal.

ALFREDO BRÊDA.

D...

Tinha negros cabellos ondeantes,
Provocando acaricia de mil beijos;
A treva de seus olhos scintillantes
Por vezes tinha uns mysticos lampejos.

Eram seus labios, finos, palpitantes,
Rubra corolla feita de dezejos;
Foi serpente nas formas colleantes,
Tinha na voz suavissimos harpejos.

Como talhada em marmore rosado
Ella lembrava um sonho fabuloso,
Um sonho d'Arte, divinal, ousado...

Eram seus dias calmos e felizes,
Mas em seu coração, puro e formoso,
O amôr não conseguiu lançar raizes...

FLAVIO LEAL.

Carangola.

Desillusão

Descia lentamente a noite. O crepusculo blandifluo e invernal, emprestava toda a amenidade cypresial de uma tarde de meio, á mutação da grandiosa natureza!

A brisa bafejando levemente, salpicava de orvalho os roseiraes, completando a suave melancolia da tarde que expirava: lá ao longe, no infinito viam-se as pequeninas joias do céo, que em scintillações radiosas, sahiam do estrellario anciosas por Phebo, que tardava com sua luminuosidade argentea, tornando assim ainda mais sombrio, o poetico recanto d'aquelle jardim, embalsamado, pelas emanações dulcificantes de um jasmineiro que rancorosamente despeitado, lastimava aquelle entristecimento nocturnal, elle que pouco antes imperava, envolvia-se em uma dôr silente, ante aquella insondavel concepção sideral.

Afóra, o rumor leve e compassivel de pequeninas phalenas por entre as ramagens, nada de anormal se podia desvendar em redor d'aquelle monotono sitio: mas, se nos detivessemos haviamos de observar, um quadro doloroso...

Alli, pouco distante d'aquelle logar merencoreo, momentos antes scenario das mais bellas florações edenicas, descobririamos um ente trespassado pelo soffrimento: em genuflexão apoiado sobre a ramagem verdejante, tendo no peito lacerado o coração despedaçado por uma illusão desfeita!

Phebo tivera razão, esquivando-se de illuminar, aquelle pungente drama, testemunha que era de um poema de dor, não teve animo para desmudar com o seu luminoso devaneio, o amargor daquelle desventurado joven.

Pobre alma! Heitor, assim era o seu nome, conhecêra em uma festa, Zuramil, uma voluvel creaturinha que lhe prendeu o coração.

Tivera occasião de segredar-lhe em uma linguagem cheia de ternura, toda a sua ardentissima affeição, assegurou-lhe emfim uma adoração eterna: e ella fingindo acceitar toda a sinceridade d'quelle coração apaixonado, respondia n'um crudelissimo disfarce de juras e meiguices; fazendo-lhe antevêr uma felicidde que tanto almejava.

Naquella noite, como de costume lá estava Heitor no jardim, em busca da encantadora visão que idolatrava; consegui vel-a, renovou-lhe os protestos de mais arraigado amor; e Zuramil com um sorriso a enflorar os labios, deixando transparecer a alvura eburnea de seus pequeninos dentes, ouviu toda aquella sincera narração; e n'uma altiva volubilidade, respondeu-lhe com a voz acrimoniosa:

Não! não sois vós, por quem meu coração palpita!...

E apartando-se daquelle desditoso ser, deixou-o entregue áquella acerba dor.

. . . .

Hoje quando encontro-o, passando pela vida sem viver, n'uma dolorosa peregrinação, qual uma tenra avesinha longe do ninho, tendo a alma acrisolada por uma intensa magua, pergunto pela sua dor...

Elle então reclina a fronte, e pelas faces esqualidas, vejo engastar-se duas lagrimas serenas, consoladoras talvez, de uma indefinivel desillusão!...

K. MILO

Fragmentos

Ao distinctissimo collega Balmos, em retribuição a sua bella phantasia.

O theatro feericamente illuminado, regorgitava de uma multidão avida de sensações novas, offerecendo um aspecto brilhante, e um movimento desmesurado.

As lampadas multicores faziam faiscar as joias preciosas com que as senhoras,—algumas de notavel belleza,—engrinaldavam a fronte altiva, e o collo audaciosamente decotado.

Pairava pelo ambiente o suave "odor di femmina"; os cavalheiros davam a nota chic, envergando com elegancia suprema, a bem talhada casaca, em cuja "boutonnière" aninhava se uma pequenina flôr.

Ia em meio a opera magistral de Puccini: as palmas estrugiam no ar, e os bravos fremiam, com "bouquets" de flôres raras, atirados aos sublimes e correctos interpretadores do sentimento e da Arte.

A platéa vibrava, n'um intenso estado psychologico, sentindo ainda palpitar na vasta sala, as ultimas notas de uma aria, admiravelmente garganteada pelo tenor.

Foi quando abriu-se a porta de um camarote de primeira ordem, e Maud entrou pelo braço do esposo.

Trajando uma "toilette" de seda azul, recamada de gaze "moiré", apresentava-se radiante de mocidade e belleza, fazendo com que todos os binoculos se assentassem n'ella.

Sobre os bastos cabellos negros que coroavam a sua bella e ideal cabeça, digna do pincel de Rubens ou Velasquez, repousava um diadema filigranado, desprendendo faiscas deslumbrantes.

O seu olhar doce e avelludado, percorreu todo o salão, e ao notar a admiração e os ardentes olhares em que envolviam-n'a, sentiu-se levemente vaidosa da radiante formosura e suprema graça que se desprendia da sua pessôa, attrahindo todos os corações.

Mas os seus olhos negros, que um leve traço de bistre tornava ainda maiores, e mais scintillantes, fixaram-se em alguem, que na platéa, fitava-a apaixonadamente, e o ligeiro sorriso que lhe arqueára os labios finos e rubros, desappareceu de subito, espalhando-se na sua physionomia uma densa nuvem de tristeza e constrangimento.

O coração começou a palpitar desordenadamente, e Maud, já impressionada tambem pelo grandioso poema de amôr, desenvolvido por Puccine, sentiu que uma lagrima indiscreta lucillava-lhe nas palpebras meio cerradas, e desviou os olhares para a scena.

A ideal Mimi, enlaçada pelo sonhador Rodolpho á luz do luar melancolico, retratou inopinadamente em seu coração o espectro do lindo sonho que acalentàra um dia, e que a inflexivel vontade paterna destruira para sempre.

Na Bohême, ella seria com desesperada saudade, as horas mais seductoras e doces da sua vida... aquelle poema de amor e soffrimentos, era algum tanto a copia do drama secreto que lhe amargurava a existencia, e fazia o seu coração verter lagrimas de sangue.

Desejára tambem, como a pallida Mimi, menada pela implacavel tysica, morrer nos braços d'aquelle a quem déra a alma, e do qual fôra separada bruscamente pela sorte que tinha feito nascer o eleito do seu coração um louco sonhador; rico de crenças, amôr e illusões, mas pauperrimo do vil metal, que tem alta cotação nos espiritos mediocres...

E ella que era invejada por possuir um homem superior; elegante mancebo que por muitos jovens fôra disputado, não só pelo talento, e varonil formosura, como pela colossal fortuna,—ella que vivia rodeada de luxo e conforto, que dispunha de tudo para ser feliz, invejava a sorte dos desgraçados que lhe supplicavam um obulo, e adorava a sós o seu grande amôr despedaçado; os bellos sonhos, desfeitos pela inabalavel resolução de um pae ambicioso.

E no tablado do palco, a meiga Mimi, — seductora visão do Outomno, — morria tremula e pallida nos braços de Rodolpho, louco de dôr e desespero...e com ella tambem morria o grito derradeiro da revolta sentimentsl que fazia offegar o seio da formosa Maud,

Terminava a opera, e os elegantes levantam-se apressados, emquanto os bravos reboavam pelo vasto salão, e as palmas succediam-se estrepitosamente.

Então erguendo-se, ella deixou que o marido, n'um requinte de amavel galanteria, a envolvesse no luxuoso "manteaux", e fitando com desespero mudo, quem, da platéa, tão ardentemente fixava-a, crispou os labios n'um sorriso amargo, afogando no seio um soluço lacinante, dolorosissimo.

E' que ella não teria nunca a felicidade da pobre Mimi, morrendo nos braços do seu amado; e elle, debalde na hora suprema da vida, supplicaria a extrema-uncção da sua bocca adoravel!

ALICE DE ALMEIDA

Coelho — Modo de Preparar

De Dezembro á Julho o Coelho é mais saboroso e tem as carnes mais tenras.

Prepara-se o Coelho de todas as fórmas, isto é, assado de panella, de forno, recheiado, estufado e cosido á bahiana, este com addição de azeite de dendê, pimenta e amendoim torrado, cosido com arroz e leite de côco.

Adopta-se o mesmo processo do preparo das aves, notando-se que os temperos principaes são: vinagre, sal, tomate e alho.

Tendo o Coelho a carne tenra e sabor brando, não se deve cosinhar muito sinão tornar-se-á insipido.

PASTELÃO DE PEIXE Á FRANCEZA

Põe-se durante algumas horas em salmora uma posta de peixe, de 20 a 25 centimetros de comprimento.

Tira-se depois a pelle ou escamas, e a espinha, envolvendo a posta com filetes de enguia temperadas de sal, pimenta do reino, noz moscada ralada e especiarias.

Preparado assim, põe-se o peixe em uma panella com 125 grammas de manteiga fresca, collocando-se um dente de alho, uma cebola picada, um bouquet de salsa, sal, pimenta do reino, noz moscada ralada e um martello de vinho madeira.

Põe-se na panella á fogo forte, e quando o molho se achar bem apurado, addita-se um pouco de louro e uma garrafa de vinho Bordeaux superior.

Ficará a cosinhar durante 3/4 de hora, escorre-se depois o molho e deixa-se o peixe esfriar.

Desengordura-se o molho para leval-o á mesa, servindo-o com o peixe.

O recheio do pastellão será feito picando-se duas pescadinhas, metade da enguia, que sobrou, algumas manjubas sem os espinhos, 200 grammas de manteiga fresca, duas gemmas d'ovos, um ovo, sal, pimenta do reino, noz moscada, cravo e canella.

Misture-se bem, passando em uma peneira esse recheio, e com elle enche-se o pastelão.

Depois de assado o pastelão, deixa-se esfriar e serve-se.

Discurso pronunciado

Na Escola Normal de Rio Novo (Minas), a 3 de maio ultimo, pela a 3ª annista Mlle. Maria da Gloria Barros.

Terra... ! Terra... ! foi o surto incontido solto vibrantemente pelo gageiro, ha pouco mais de 400 annos, quando percorrendo, por assim dizer, o nadir do universo, do alto do mastareo, envolto na cordoalha, apontava offegante, a 3 de Maio, o rumo para onde os barineis commandados por Cabral deviam, como gaivotas de plumagens pandas, sigrando «por mares nunca de antes navegados», arribar «nesta terra que é em toda praia praina, chan e mui formosa........ Em tal maneira é graciosa, que querendo-a aproveitar dar-se-á nella tudo».

Terra..... ! Terra..... ! foi o hymno unisono entoado, com alacridade por 1200 mareantes, quando ao tombar da memoravel tarde de 1500, reunidos no convez de 13 barcos, conseguiram visiumbrar na fimbria do occidente a silhueta indecisa, fugitiva, até mesmo evaporante, si quizerdes, daquelle celebre monte redondo, que veio a servir de fócco, afim de nelle desfraldar-se, tremulante aos quatros ventos, o nome expressivo de Vera Cruz, signo eterno cravado entre as fronteiras de um continente vetusto, que já ruia sob o peso do seu feudalismo deprimente, dos grilhões de sua escravidão economica, das suas cruzadas sagrentas, das suas guerras, de 100 annos, do seu militarismo atrophiante; e por outro lado, plantado entre as fronteiras de um continente recenascido, cheio de palmares, repleto de riquezas prodigiosas, vivificado por sonhos amplos, infinitos, como os pensamentos de Deus; sequioso por predominar sobre o Planeta para lhe implantar o dominio absoluto da Justiça, da Liberdade, e da Confraternisação de todas as raças.

Taes foram as visões e as consequencias deste acontecimento culminante e decisivo na marcha futura dos povos: o mundo renascia, os homens se retemperavam, o ideal divino se cumpria.

Desde esse instante, o sol, que se atufava no poente, começou a acareciar este hemispherio com uma luz mais encantadora, seus raios beijaram-lhe meigamente os vargedos alcatifados de relvas, e seu formoso esplendor enamorou-se das nossas limpidas correntezas.

A Europa percebeu o fanar dos seus louros; resentida, sotopoz o plano divino á sua ambição; seculo a seculo veio cavando fundo, a anarchia na ordem social; cada paiz europeu intentou, avassalar o seu visinho; d'ahi, odios de raças, e interesses inconfessaveis, explodindo em crescendo vertiginoso, acabaram por desencadear, agora em nossos dias, esse vendaval bellico, cujo turbilhão infernal tende a anniquilar a razão dos homens.

Porém nós americanos, que sabemos, nos graves momentos de angustia, recorrer ao Altissimo, conscios de nosso porvir futuroso e fraternal, não soccumbamos perante este crime abominavel, que, acabrunhando as aspirações da democracia, cobre a superficie do velho continente com um tão largo manto de sangue.

(Continúa

PREVALECENDO O TALENTO

Respondendo ao intelligente collaborador, João M. V. de Mello.

— Collaborador desconhecido! Sois o Apollo flammivomo e sublime que volutea em torno da minha curiosidade !...

Sob o pallio da vossa luz rosada rodopia o meu ideal n'uma vertigem brilhante, emquanto a minh'alma sonha e delira, canta e suspira !...

O vosso syllabar divino rouba-me o laço delicado que vincùla tristes recordações de um passado immaculado e santo !

—Quero emmudecer ao rever os vocabulos cheios de doçura, triumphantes de sublimidade, mais a vossa Musa é irresistivel e poderosa, arrastando-me ao tabernáculo da Adoração e fazendo-me a sacerdotiza do templo da vossa Prosa !...

A luxuriante belleza da vossa collaboração convida ao colloquio amoroso, abre o amphiteheatro do Impossivel, tentando evocações absurdas e provocando suspiros que deixam a calma periclitante !...

Sem o sentirdes sois o fulgido vivificador da imaginação semi-apagada pela aragem da Desventura que faz tremular as rosas da mocidade na vereda que conduz ao throno da Felicidade ! ! !

A vossa phantasia invade o meu cerebro enxertando n'um turbilonar de crenças novas, o fervor optimista. Lendo-o as horas tornam-se para mim um crepusculo de intensa alegria a bailar no capitolio do Bello, emquanto o vosso verbo deleita o meu coraçao á guiza das alvoradas da Primavera !. .

Apreciando-vos, affirmo, que a Flora explendorosa d'esta esphera, exhala no ambiente o perfume estimulante do vosso espirito !

Assim sendo, eu vos saúdo erguendo a taça da Sympathia que eterniza a minha crescente Admiração pelo talento que despertou-me na paz encantadora do ignoto!..

SANTINHA (H. F. Serpa)

BILHETES POSTAES

A' ti...

Saudade... é a flor mais triste que desabrocha em nosso coração, regada com sentidas lagrimas. Seu perfume subtil, se evola para o céo de infinita tristeza, e sem manchas da eternidade.

E' a companheira fiel das almas apaixonadas, é a visão immaculada e tacita que nos segue pela vida afóra, perturbando nos sempre, chegando-se pouco a pouco em subtileza povoando-nos de suas petalas a mente risonha e doce.

E' a triste recordação de um passado feliz que jamais voltará. E' um sentimento indescriptivel de dôr e de prazer, de esperança e descrença.

Saudade... tu és a soberana que reinas nos corações obscurecidos pela dor, levo nas tuas corollas de cores tristes uma das minhas lagrimas de amor, e depõe nos ardentes labios de quem adoro.

(Engenho Novo) NOEMIA MARTINS

. ' .

Na Praia — A' Zizi :

Ella isolada, vagava
Tristonha, á beira da praia;
Buscando livrar a saia,
Do mar, que meigo a beijava.

Eu, que de perto espreitava,
Disse-lhe: O mar, que desmaia
Da espuma á nivea cambraia,
As maguas de amores, lava !

E ella, corada, faceira,
Um pouco ingenua e bregeira
Ante o vestido molhado...

Responde— qual doce canto...
Cheio de amor e de encanto —
Faz-se de tolo!.. .eng·açado!...

(Recuerdo de Itacurussá) PIERRE LUZ.

. ' .

Ao Antonio S.—Salve 27 de Julho :

Não fosse a musa ingrata e a rima escura,
Eu te daria todo o sentimento
Que dentro de minh'alma se alvoroça
Ao lembrar-me de ti neste momento.

Vejo que a aurora do teu nascimento
Hoje sublime, prasenteira passa
Como quem surge de um deslumbramento,
Recamada de encantos e de graça.

E não posso diser-te o quanto sente
Meu coração por ti--seu regio encanto
Na venturosa estrada do presente.

Felicito-te, pois, e nestes suspiros insanos,
Lego-te o coração, n'este calmo conto,
Como lembrança, em dia de teus annos !

ALVINA SILVA.

. ' .

A' distincta Mlle. Aracy da Silva Maia :

Adoro-te, Aracy n'um extase profundo,
Repleto de ventura, ao ver-te que me adoras
Ah! rio quando ris, e choro quando choras,
Celygena mulher, ó deusa deste mundo,
Yara dos sonhos meus que no meu peito [moras !

RUBEM SCRÖDER.

. ' .

REALIDADE

A' memoria de Anna Silva :

Seguia a passos lentos e tristonhos,
Tendo por tecto o doce firmamento,
Ao longe muito ao longe eu divulgava,
Jesus pregado á cruz do soffrimento.

Cheio de amor, respeito e humildade,
Cheguei-me então ao vulto sacrosanto,
Ajoelhei-me em signal de santidade,
Deixando então correr todo o meu pranto.

Levantei-me depois sereno, altivo,
Por ter lido em Jesus, o doce exemplo,
Vendo que em nós é nada o soffrimento,
Comparado á Jesus, heroe do Templo.

Té as flores ali eram tristonhas,
Tudo indicava a dor e orphandade,
Então pensei em todo esse orgulho
De que se serve a pobre Humanidade !

Naquelle Campo, onde termina a vida,
Todos são bem eguaes perante Deus !
E ante a força horrivel do Destino
Não passamos de tolos pigmeus !

Rio, 4—8—1916.

ALMIR DOMINGUES.

. ' .

ALMA INNOCENTE

A' uma menina morta aos 15 annos :

Alma de luz que pela terra andou,
Breve, mais breve que o clarão da aurora;
Foste qual sonho que não dura uma hora,
Lyrio em botão que o vendaval roubou...

Ave sem ninho, pelos céos em fóra,
Qual nivea setta que partiu, voou :
Anjo formoso que da terra alou,
Por sobre o azul que o firmamento enflora.

Vejo florir teu virginal amor
Nos martyres da luz ou no explendor
Das purpuras de um céo primaveril...

E das estrellas, ao faiscar dos raios,
Travez as noites de encantados maios,
Vê-se sorrir n'um halo, o teu perfil !

ERICO CURADO.

. ' .

ACROSTICO

A' galante Elzita, dilecta filhinha da distincta actriz Abigail Maia :

E's a estrella resplandente,
Lá do azul do firmamento !
Surges, bella e sorridente,
Illuminae meu pensamento.
Tão sincero e tão ardente !...
Amenisae meu soffrimento !...

(Aldeia Campista) ZITINHA

Amor, phrase meiga que os labios pronunciam verdadeiramente quando o coração está apoderado deste sublime sentimento, porém alguns dizem-n'a unica e exclusivamente para enganar a humanidade.

ANTONIA A. SOUZA.

* * *

Ao joven ORLANDO CARNEIRO.
Eu preferia soffrer eternamente a dor de uma saudade atroz que supportar os cruciantes martyrios de tua ingratidão oh! meu querido Orlando!

HESPERIA.

* * *

A' alguem.
A esperança é a luz que illumina as trevas do meu viver!

Z. P.

* * *

Ao N. P. S.
Assim como certas plantas só podem crescer em bom terreno, assim tambem só em corações como o teu podem germinar os bons sentimentos.

ALICE MARIA PEREIRA.

* * *

Ao ORLANDO.
Se pudesses comprehender o meu pensar, verias atravez a minha indifferença, um amor e coração sincero que só a ti ama.

HESPERIA.

* * *

Ao distincto normalista.
JOAQUIM FERREIRA DE SOUZA JUNIOR.
Amei como criança, feliz e loucamente, mas hoje affago a illusão martyrisante de um amor sem esperanças.

FRANCESCA BERTINE.

* * *

Ao HOMERO.
Eu encontrarei mais facilmente no fundo do oceano uma pedra preciosa, que uma sinceridade ardente em teu divino coração!

MLLE ROBINNE (A. Franceza).

* * *

A vida é o fardo pesado, que impaciente eu carrego atravéz de uma existencia attribulada.

ELSA G. N.

* * *

Amar é encontrar no caminho tortuoso da existencia um coração amigo, que nos entenda e afague nos momentos de nostalgia...

ELSA G. DO NASCIMENTO.

* * *

A' minha querida mãe.
Crente estou que no mundo só existe um amor puro e que se assemelha a um sol sem occaso, este é o vosso amor, o amor materno!

J. LEONAM NAZARENO.

* * *

A ti, meiga DALILA.
Amor! Sol que illumina existencia.
Desprezo! Nuvem negra, que cobre de sombras a estrada da vida.

SUZETTE DE CARVALHO.

* * *

A' F.
Saudade! florzinha triste, o teu perfume magico vencendo qualquer distancia une pelo pensamento entes que se estimam com verdadeira affeição.

IAMAR OLGA ADIR.

* * *

A' Santinha.
A existencia privada do inefavel convivio amoroso do ente que se adora é tão penosa quanto é ditosa a vida, cercada de todas as felecidades e seguida dos carinhos paternos!...

* * *

Ao FRANCISCO BÉLEM.
As flores nos encantam pela variedade e tu pela immensa amabilidade que possues.

MLLE. PEROLA.

* * *

A' alguem.
Assim como a Mater Dolorosa soluçou amargamente aos pés de seu extremoso filho crucificado, assim tambem, ingrato, cravaste para sempre em meu peito o doloroso punhal da dôr!...

AMARYLIS.

* * *

ARVORE ABANDONADA

Ao amiguinho NORBERTO DE AZEVEDO.

Na inercia de verdadeiro abandonado,
Essa arvore enorme, jaz na estrada:
Nunca encontrou um olhar abençoado,
Que desfizesse a sua dôr amargurada.

Os viajantes que out'rora seduzidos,
Pela sombra amiga, á procuraram;
Agora por alli passam destrahidos,
E não mais olham as folhas que admiraram.

E assim a arvore de outro tempo finda,
E com ella o viço, a mocidade e a vida,
Dos que para ella correm ainda;

Só a minha existencia perdura na lida;
Mas quem sabe, como essa esquecida arvore,
Talvez eu me transforme em um frio marmore...

ELZA G. DO NASCIMENTO.

* * *

A' quem me entender.
Queres que te esqueça?
Porque me procuraste?
Porque me fizeste crer que algum dia poderia gosar dos teus carinhos, dos teus affagos?...
Queres que te esqueça?
Isto está além das minhas forças...
Dizes que sou criança, mas mesmo criança tenho coração e com o coração não se brinca!...
Confesso-te que, o que meu coração sente por ti, jamais sentiu por ninguem.
Quando te vejo e ouço a tua vóz sinto o meu coração palpitar de alegria para immediatamente entristecer devido a tua indifferença...
Queres que te esqueça? E' difficil...
Deixa-me; deixa-me seguir...
Deixa-me chorar, é tão bom chorar!...
Porque não me deixaste partir?...

JOVE.

A' ti meu querido JOAQUIM.
Assim como a planta precisa do carbono para viver, assim tambem o meu coração apaixonado precisa de tua constancia, para resistir aos embates procellosos do negro mar da existencia.
FRANCESCA BERTINE.

* * *

A' quem me entende.
A maior alegria de minh'alma seria possuir a tua sincera amizade.
ALICE MARIA PEREIRA.

* * *

A' MARIA M. S.
A felicidade do homem reside na constancia e lealdade com que é correspondido o seu affecto.
JACINTHO PAIXÃO.

* * *

As illusões são as setinosas flores que marchetam o pedregoso caminho da vida.
DALZA R.

* * *

Ao inolvidavel cunhado OCTACILIO.
A saudade é a lagrima crystallina que brota nos corações sinceros.
GEORGINA LIMA E CASTRO.

* * *

Ao inesquecivel N. P. S.
Só póde existir o esquecimento quando não se conhece a verdadeira amizade.
ALICE MARIA PEREIRA.

* * *

A' alguem... de Nictheroy.
... Depois de perdida a ultima esperança, ainda nos resta a Estrada dos desenganos — via aurea do indifferentismo, ornada de flores e de felicidades supremas... Depois, tudo nos sorri, tudo nos alegra e tudo nos conduz a porta principal da Verdade!
HUMBERTO MARTINS.

* * *

A' alguem.
A saudade é um estillete que se crava em nosso coração, roubando-nos a vida lentamente.
ALFREDO GOULART ALVES.

* * *

A' senhorita RINA.
O teu olhar é como um vidro scintillante, que brilha em minha vida todas as vezes que a vejo.
SOTNAS.

* * *

A' MARIA M. S.
O verdadeiro amor nasce sem venturas vive sem esperanças e é eterno, porque resiste a todos os rigores da sorte adversa.
JACINTHO PAIXÃO.

* * *

Para a gentil amiguinha ILDA CORRÊA.
Saudade.
A saudade é a melancolica companheira das pessoas que se estimam com sinceridade e são forçadas a viverem ausentes.
E' a triste florsinha do soffrimento, que o orvalho benefico da Esperança faz rescender o suavissimo perfume d'uma affeição retribuida.
IAMAR OLGA ADIR.

* * *

A' inexquecivel amiguinha e querida professora, DALILA D'ALMEIDA.
A ingratidão é para amisade, o que o gelo dos Polos é para as flores. Extinguido o vigor, mata lentamente.

—

Quem, dando ouvidos a intrigas, corta um sincero amor, não merece as lagrimas que causa á infeliz que despreza.
SUZETTE CARVALHO.

* * *

Ao A. GARCIA.
A desgraça é a horripilante nuvem negra que tolera o horisonte das nossas doces venturas.
A. DA SILVEIRA BULCÃO.

* * *

A' ti... Talvez!
Como nos é agradavel pronunciar esta pequenina palavra! Ella não expressa nenhuma certeza, muito pelo contrario é a expressão clara da duvida e tambem... de uma vaga esperança. Talvez! Esta palavra faz-nos gozar de antecedencia certo prazer, que muitas vezes vale mais que a realidade. Para muitos póde não ter valor, mas para uma alma triste, que desolada espera vêr voltar-lhe a esperança, que já vai perdendo, esta palavra torna-se linda, encantadora!
IAMAR OLGA ADIR.

* * *

A' minha noiva Carmen:
Quando em sonho eu te vejo,
Accordo alegre sorrindo,
Se sempre te visse em sonho
Vivia sempre dormindo!
JOVEN.

* * *

Ao Almir Domingues:
Hontem recebendo um «Jornal das Moças» encontrei entre diversos sonetos o teu sublime "Aurora do Amor". Li, reli, decorei-o até, porque achei nelle a tua alma tão semelhante á minha. Eu tambem vivia só, desprezada; soffria tambem dores crueis, intensas e tambem como tu, não me queixava. Uma vez perguntaste-me qual a causa da minha melancolia? Fizeste tudo para advinhar, mas não advinhaste; e um sorriso foi a minha unica resposta. E hoje, porém, o Deus Omnipotente disse-me: (como a ti) «vaes ficar contente; e um anjo collocou ao lado meu»,
Minhas dores não se findaram completamente como as tuas, porém, ficaram mais suavisadas; não vivo tão desalentada como vivia, porém, receio algum dia ser ferida pela setta da Ingratidão.
MLLE. PEROLA.

* * *

Para o Victor Santos:
Quando ao longe na solidão da noite ouço o som mavioso de uma flauta com os

accordes de um piano, sinto uma profunda melancolia e a minh'alma entristecida de saudade chora!...

E' que ao meu pensamento vêm as recordações dos dias venturosos que ao teu lado passei! Então só termina essa tristeza quando abatida pelo somno e illuminada por um raio de esperança durmo tranquilla e sonho com as illusões do meu triste passado.

QUEM TE AMOU.

* * *

Ao academico Homero Carneiro:

Esquecer-te?! Oh! é impossivel!... Pois se tudo o que minh'alma pensa, soffre, ama e almeja se traduz em ti! Como esquecer-te Homero! Ah! esquecer-te nunca!

MLLE. ROBINNE (A Franceza)

* * *

Dedicado á querida OSCARLINA.

Fé — estrella que nos acompanha aos pés do Creador!

Esperança — maná excellente que nutre nossa alma!

Caridade — chave que nos abre o reino do Redemptor!

Da amiga BELLEZA DE JESUS GARCIA.

* * *

Ao DR. VIRGILIO DOMINGUES.

(Resposta).

Analyso tambem, os meus pensamentos antes de formulal-os.

E como já estudei o teu caracter (como já tive occasião de te dizer pessoalmente) é que ousei enviar aquelle primeiro pensamento; pois o teu amor é semelhante a borboleta que pousa em todas as flores, sem achar nellas, alguma que seja o ideal de sua vida.

Por isso é que fazes um conceito tão perfido sobre as mulheres.

MLLE. PEROLA.

* * *

Longe de ti!!

A indifferente, LYDIA DE OLIVEIRA.

Se o Esquecimento, causado fosse pela separação, bem certo estou de ser uma excepção, ao mais desejado grão da immensa felicidade.

Procurei ausentar-me de ti, privei-me de ver-te e ouvir-te como era o meu maior almejo esperando em pouco tempo esquecer-te!

Vejo nisto, minha maior ventura como tambem melhor percebo um impossivel, de tristezas infindas!

Emfim, soffrer por ti é ser feliz!

Assim procuro a Solidão, onde sosinho veja as illusões sinceras, de um primeiro amor, deixando o pensamento atravessar este retiro, para divisar tão longe a abandonada quadra em que eu era feliz, guiando-me no sentir do apreciado escriptor:

Esquecimento —«balsamo consolador de todas desventuras!»

Esperança — «um bem para quem soffre!»

Solidão — «allivio para quem padeçe!»

Recompensado com o despreso, te diz adeus, o esquecido.

S'ENAE C.

* * *

A' boa amiga OSCARLINA A. V.

Saudade e Amor!

Saudade! jubilo pungente
Que nos relembra a vida passada,
Quando estamos ausente
De uma pessoa estimada!...

Amor!... fonte de pranto
Entrestecimento que amargura
Dilacerante dor, e no emtanto,
Não nos carrega á sepultura!...

Mlle. BELLEZA DE JESUS GARCIA.

* * *

O meu coração é um santuario onde se encerra o teu idolatrado nome, e onde deposito a tua sempre adoradaimage. E' nelle que deponho este verdadeiro e ardente amor que te dedico!...

AGÁ.

* * *

A eleita de min'halma!

Candida S. C.

Minha adorada.

Quando será o dia da nossa felicidade, quando será o dia do nosso enlace, quando será o dia dos nossos corações galgarem a palma da victoria (da luta em que vivemos) e emfim, quando será o dia da nossa sonhada vida de amor. Oh! adorada, Deus bem sabe, que no meu coração, só existe o teu nome sagrado, (o qual é Candida) por isto, elle nos guia, nos ajuda e nos leva ao bom caminho, sempre na estrada florida, onde ás flôres viçosas se desfolharam e as petalas cahiram sobre nós.

PUNDONOR

* * *

A Mlle. Minda.

Eis-me aqui, rojado ante a vossa encantedora visão, com o coração a sangrar a dôr mais cruciante da incerteza, levando n'alma dilacerada o amargor da indifferença, no disfarce cruel de seu olhar.

Basta de cerimonia! Ouve este corollario de fracos sem doçuras, e com recatada ternura colhe estas flores, que é toda a sinceridade d'um peito; dá-me um carinho, assim — extinguindo a magua deste coração, que anceia na dolorosa angustia, a esperança d'um sorriso, que liberte desta amargurada duvida, um ente que soffre!

K. MILO

* * *

Para Amandina S.

Quero-te muito ainda! Como eu era feliz quando tu tambem me apreciavas! Esquece o passado, e volta de novo a me querer, pois só assim viverei contente. Nunca te olvidei, pois uma amiga adorada nunca se esquece. Ah! Como eu sinto não poder ver-te e abraçar te. Não sejas cruel! Vem a mim que te adoro como out'rora.

UMA AMIGA DEDICADA.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 1 A 7

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 1 A 6